

cor-respondência

"A letter."

revista

**mangues
& letras**

Remetente:

Ano 5 número 05 – 14 de março 2015

ISSN - 2236 9570

Expediente

Organização e editoração: Tânia Lima

Diagramação: Jonathan Silva Gomes

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa

Arte final da capa e contracapa:

Tânia Lima

Contato - email:

manguesletras@gmail.com

Editorial

A revista de arte Mangles& Letras é uma revista monotemática endereçada especialmente à Literatura. Nesta edição *cor-respondência* embrulhamos as mensagens em papel de pão. Viramos envelopes. Fomos entregues debaixo das portas virtuais. Nas esferas das epístolas, escritor(a)s se apresentam com estilos quase timbrados, marcas d'água, letras minúsculas, garrafais, erratas, rasuras, consertos & concertos. Cartas são estranhas criaturas que penetram o desconhecido mundo do outro; são formas de ver o mundo pelas tessituras de lugares antigos, equidistantes daqui numa simples resma de papel. Enviamos carta poesia a um mundo do(ente). Aqui perto, há folhas de árvores querendo ser lidas. Entre logo dentro do envelope e faça uma viagem ao mundo das epístolas.

Conselho Editorial

Humberto Hermenegildo (RN); Olinda Beja (São Tomé e Príncipe); Kassandra Muniz (MG); Marcos Falleiros (RN); Cellina Muniz (RN); Izabel Nascimento (RN); Élio Ferreira (PI); Júlio Lima (CE); NegrAnoria d'Oxum (BA); Henrique Eduardo de Sousa (RN); Rosilda Bezerra (RN); Assunção de Maria Sousa e Silva (PI); Derivaldo dos Santos (RN); Fábio Vieira (RN); Vânia Vasconcelos (BA).

Carteiros Imateriais

Zeca Baleiro; Bob Dylan; Renato Russo; Vinicius de Moraes; J. Keats; Elias Canetti; Olga; Edgar Allan Poe; Marcelino Freire; Jorge Amado; Victor Brecheret; Carlos Drummond de Andrade; Clarice Lispector; Camille Claudel; Rubem Alves; Adélia Prado; Frida Kahlo; Rubem Braga; Cecília Meireles; Charles Bukowski; René Char; René Magritte; Almada Negreiros; Eugênio de Andrade; Manuel Bandeira; Di Cavalcanti; Mário de Andrade; Cícero Dias; Câmara Cascudo; Rosana Paulino, T. Benguela; Luiza Mahin; Luis Gama; Tânia Lima; Vergílio Ferreira; José Régio; Fernando Pessoa; Mário de Sá Carneiro; Teresa Horta; Roberto Piva

CAMPEON
COPA LIBERTADORES

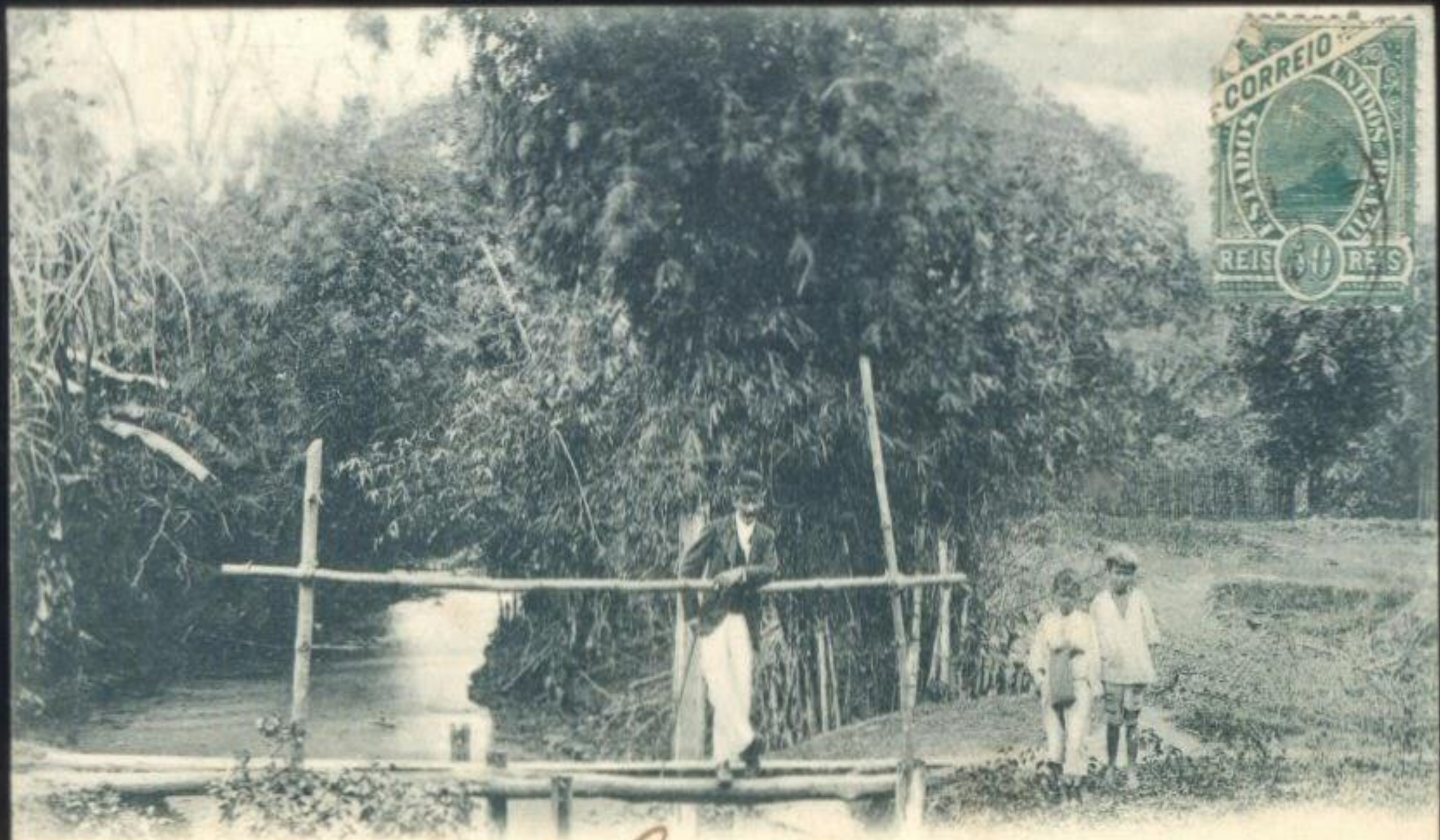
C.N. de E.
DE AMERICA 1971

OPRIS \$10
URUGUAY



VIA AEREA





Beberibe. Arrebalde do Recife.

Guimarães de Barros Guimarães.
20-5-04





TELEGRAMA

Linha ou mesa n.º

Estação

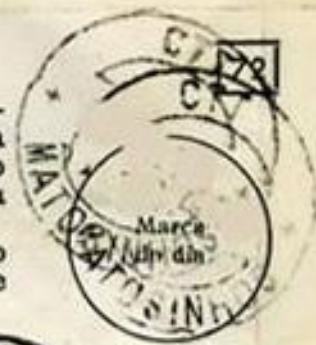
Entendido às

Por

Handwritten signature

Nos telegramas recebidos pelos aparelhos impressores o primeiro número que figura depois da estação expedidora é o número de palavras; o segundo indica as palavras e os restantes designam a hora e a hora da aceitação.

A hora menciona-se por um grupo de quatro algarismos; os dois primeiros indicam as horas e os dois últimos os minutos (0001 a 2400).



Palavras	Número de origem	Palavras	Data	Hora
P 1010	881352	9 18	1420	=

Via e outras indicações de serviço, não taxadas

= 55 =

PARABÉNS PELO SEU ANIVERSÁRIO

ARMANDA





TELEGRAMA

Zeca Baleiro

Eu tava triste
Tristinho!
Mais sem graça
Que a top-model magrela
Na passarela
Eu tava só
Sozinho!
Mais solitário
Que um paulistano
Que um canastrão
Na hora que cai o pano
Tava mais bobo
Que banda de rock
Que um palhaço
Do circo Vostok...

Mas ontem

Eu recebi um Telegrama
Era você de Aracaju
Ou do Alabama

Dizendo:

Nêgo sintá-se feliz
Porque no mundo
Tem alguém que diz:
Que muito te ama!
Que tanto te ama!
Que muito muito te ama,
que tanto te ama!...

Por isso hoje eu acordei
Com uma vontade danada
De mandar flores ao delegado
De bater na porta do vizinho
E desejar bom dia
De beijar o português
Da padaria...(2x)

TELEGRAMMA

Não havendo qualquer indicação de categoria este telegrama será considerado como ordinário

Categoria

Endereço

SANTELMO DOS ANJOS

PRAÇA ARGENTINA 507 APT 301

SÃO CRISTOVÃO GB

URGENTE

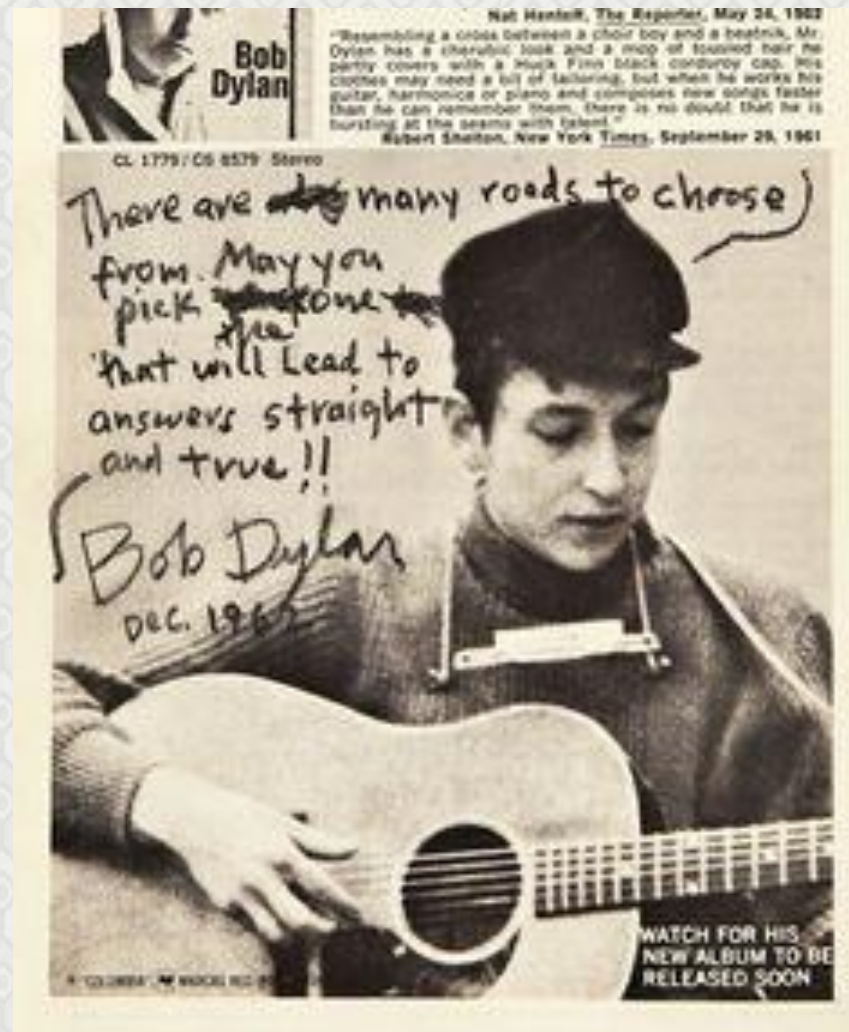
CESAR ET SUA SENHORA INTERCEDERAM JUNTO TVRIO RENOVAÇÃO SEU

CONTRATO VG SEGUIRAM BUENOS AIRES PT ESPERO VOCÊ

DEPARTAMENTO PESSOAL RAPIDO PT CHICO ANYSIO

"Não sou eu. São as músicas.
Eu sou só o carteiro. Eu entrego as músicas".

Bob Dylan





Look out Kid

XX
 XXXX

johnny's in the basement/ mising up the medicene
 i'm on the pavement thinking bout the govt
 man in the trnch coat/badge out laid off
 says he's got a bad bill-wants t get paid off
 look out kid/ it's something you did
 god knows when but youre doing it again
 batter duck down the alleyway/ looking for new friend
 man in a coonskin cap in the bigpen
 wants ll dollars bills an you only got ten

PROGRAM: BOB DYLAN			
CLIENT: COLUMBIA			
ADDRESS:			
STUDIO: A	MIXER: MORT	ORIG. RECRD. DATE: 3-10-66	W.O. NO.:
	RECORDER: JIM		
REEL NO.:	OF:	TAPE MCH. NO.:	TAPE SPEED: 15 IPS
EDITED OR INTERCUT BY:	DATE:	4 TRK. SAFTY	
MASTER NO.	TITLE		
VCO 83276	A ^{Rainy Day} LONG HAIR ED MULE AND A PORKEPINE		
83277	BLACK DOG- BLUES		
83278	LEAPARD SKIN PILLBOX HAT		
83279	I WANT YOU (CONT.) BOX#6		

② In the furnace city, wastelord an' expectly we watched
 with faces hidden past a storm so freighting
 that the echo of the wedding bells faded in the blowing rain
 an all remaining were the bells of the lightening
 tolling for the rebels - tolling for the brave
 tolling for the ^(abandoned) ^(backless) ones (forgotten) an' forsaked
 (tolling for the ^(lunkers) ^(the advanced) failary ones))
 tolling for the ^(lunkers) ^(the advanced) intocut

③ From the mad music hammerin' on the wild piano hill

CARTA DE RENATO RUSSO

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS - E.A. POE
FUNDAÇÃO - ISAAC ASIMOV
1987 - George Orwell

Autores interessantes:

JULIO VERNE
FERNANDO PESSOA
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
COLIN WILSON

8.
O Vampiro Letat - ANNE RICE
Felix Am. Vetter - MARCELO RUBENS PINA
e milhares de outros livros, etc.

Bom leitura!

n. n. / 10

Carta Ao Tom 74

Toquinho e Vinícius

Rua Nascimento Silva,
cento e sete

Você ensinando prá
Elizete as canções de
canção do

amor demais

Lembra que tempo feliz,
ai que saudade, Ipanema
era só

felicidade

Era como se o amor doesse
em paz

Nossa famosa garota nem
sabia

A que ponto a cidade
turvaria este Rio de amor
que se

perdeu

Mesmo a tristeza da gente
era mais bela e além
disso

se via da janela

Um cantinho de céu e o
Redentor

É, meu amigo, só resta
uma certeza, é preciso
acabar com essa tristeza

É preciso inventar de
novo o amor

Rua Nascimento Silva,
cento e sete

Eu saio correndo do
pivete tentando alcançar
o

elevador

Minha janela não passa de
um quadrado, a gente só
vê

Sérgio Dourado

Onde antes se via o
Redentor

É, meu amigo, só resta
uma certeza, é preciso
acabar

com a natureza

É melhor lotear o nosso
amor.

Meu Vinicius de Moraes

600
28
628
92
720
Meu Vin

8-12-89
Vinicius de Moraes 1017
74
720
150
870
77
947
70
328

1.111
70
1.181
70
1.251
77
1.328

Meu Vinicius de Moraes
Não consigo te esquecer
Quanto mais o tempo passa
Mais me lembro de Você

Cadê o meu poetinha?
Cadê minha letra, cadê?
E morro neste piano
De saudade de Você

105
7
735

Carta ao Tom 74

Arranjo: Marcio Amaral
(set/2006)

(Toquinho/V. de Moraes)

The musical score is written in 2/4 time and consists of eight staves of music. The melody is written in the treble clef, and the guitar accompaniment is indicated by chords above the staff. The key signature has one sharp (F#), and the time signature is 2/4. The score includes first and second endings, and a final double bar line with repeat dots.

Chords and their positions in the score:

- Staff 1: Cmaj7, G/B, Am7, C7/G
- Staff 2: D/F#, Fm6, Gm7, Gm6 (1st ending)
- Staff 3: D/F#, Fmaj7, Em7, Am7
- Staff 4: D7(4x9), D7(9), Fm6/Ab, G7(#5)
- Staff 5: Gm6, F#m7(b5), Fmaj7, Em7
- Staff 6: A13(b9), D7(9), G7(9)(11), G7(9), Gm6
- Staff 7: Gm6, D7/A, Ab6, C6/9
- Staff 8: Gm6, D7/A, Ab6, C6/9

Ninguém é mais solitário do que
aquele que nunca recebeu uma
carta

ELIAS CANETTI

carta aos solitários

LORD HOUGHTON
VIDA Y CARTAS DE
JOHN KEATS



TRADUCCIÓN DEL INGLÉS POR JULIO CORTÁZAR

NARRATIVA CLÁSICOS

EDITORIAL PRE-TEXTOS

115
115
25 College Street.

My dearest Girl,

This moment I have set myself to copy some verses out fair. I cannot proceed with any degree of content. I must write you a line or two and see if that will assist in dismissing you from my mind for ever so short a time. Upon my Soul I can think of nothing else. The time is passed when I had power to advise and warn you against the unpromising morning of my life. My love has made me selfish. I cannot exist without you. I am forgetful of every thing but seeing you again - my life seems to stop there. I see no further.

You have absorbed me. I have a sensation at the present moment as though I was dissolving - I should be eternally miserable without the hope of soon seeing you. I should be afraid to separate myself far from you. My sweet Fanny, will your heart never change? My love, will it? I have no limit now to my love. Your note came in just here. I cannot be happier away from you. 'Tis richer than an Argosy of Pearles. Do not cheat me even in jest. I have

Carta de Caymmi para Jorge Amado.

meu irmão, são onze e trinta da manhã e
mpor uma linda canção para Yemanjá pois o
senha seu manto em nosso mar, aqui na Pedra
tas canções compus para Janaina, nem eu
ha mãe, dela nasci. Talvez Stela seja a



Salvador, 1 de fevereiro de 1974

Indio Juan
D.A.E.P.A.
Uruguaí-252- 3ºE.
Buenos Aires - Argentina

Indio Juan,

venho de receber sua carta de 7 de janeiro e o volume de poemas "Estos Dias Que Duelen", poesia de combate e de esperança que li de imediato. Agradeço-lhe o envio que me possibilitou travar conhecimento com um poeta que vive e canta seu tempo e seu país. Gostei de seus poemas seja dos cantos largos ("Carta a mi País", "Palabras Finales"), seja das canções ("Pero tu Niño es de Sueño", "Papa, el Tiene Frio").

Pelo correio de superfície estou enviando um exemplar de "Gabriela Cravo e Canela" para Yanila Gabriela com meus votos de toda felicidade para sua filha.

Os endereços de Vinicius de Moraes são os seguintes: Estrada do Farol de Itapuã, 25-Itapuã- Salvador-Bahia-Br. e Rua Frederico Eyer-149-casa-3- Rio de Janeiro-GB.-BR. O poeta ficará na Bahia até fins de março.

Receba um abraço muito cordial de


Jorge Amado

Carta de Jorge Amado
ao índio Juan



Bundesarchiv, Bf 113-10220-303
Foto: v. Aug. | 1925/1926 ca.



193 6
CORTE SUPREMA
DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Relator, o Senhor Ministro,
Humberto de Faria

PETIÇÃO DE HABEAS-CORPUS
Maria Vitorino

CORTE SUPREMA
ARCHIVO



ABRIL/1942

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a verte, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças - ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo

solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica... Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a idéia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Corformar-me-ia, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver-me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro

debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nos últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar

de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijo-os pela última vez.

OLGA









Carta aos Griots - Clementina e Paulinho da Viola, Elton Medeiros

Van Oortz
Marginalia, com Toda
& terminus do
P. Min.

B. An

Beuse

fernando indgaber
rua nedock lob 224 apt. 302
estácio - gb - so 10 - brasil

em caso de publicação citar a fonte

Rementiva
Bense note 6/8/76

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Marcelino Freire

Você foi o melhor que me aconteceu este ano. Chegou assim, devagar. Faz tempo que você me ronda. Sei lá. Acompanha-me. De longe. Sempre quis a minha atenção. Eu, não. Na correria de minha prosa, não te via. Você querendo me arrastar. Quem sabe um dia. Ele me encara. Eu, que nada. Tanto tempo sem você. Saía por aí, sem perceber. O companheiro que você viria a ser. Quando notei,

me fodi. Você, cansado de me esperar, me deu o maior trabalho. Esnobou-me quando me peguei apaixonado. Eta danado! Eu só pensava em você. Nas viagens que fiz. Tantas, nem sei. Em todos os cantos, aos amigos, sem pudor, eu contava. A nossa história. Este feitiço. Tudo o que fosse preciso. Eu faria. Para você ficar comigo. Não me abandonar. Demorou uns dois anos até a gente se acertar. Ficar junto. Para todo mundo testemunhar, enfim, o nosso amor. O nosso encontro. Definitivo. Não foi fácil. Mas valeu. E está valendo. Dentre tantas coisas boas que me aconteceram em 2013. Você, sem

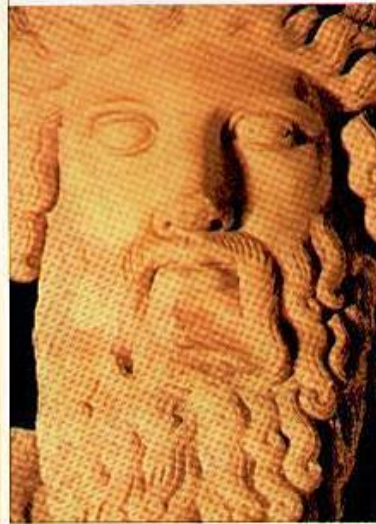
dúvida, foi a minha maior conquista. O meu maior tesão. Lindo é vê-lo agora. Meu primeiro romance. Assim, passar de mão em mão. Tocar tanto coração. Ave nossa! Quanta emoção! Aos amigos e leitores queridos. Venho publicamente compartilhar, comovido. Esta revolução que você causou. Em minha vida solitária. De escritor. Continuaremos juntos em 2014. Muito axé a todas e a todos. Obrigado, Meu Pai Xangô! Sua força. Sempre presente. A me guiar. Salve, salve, amém e saravá!



*CLASSICOS
DE BOLSO*

CARTAS

platão



EDITORA  ESTAMPA

CARTA PELÍCULA





Carta ao Prefeito - Rubem Braga

Senhor Prefeito do Distrito
Federal:

Eu sou um desses estranhos animais que têm por habitat o Rio de Janeiro; ouvi-me, pois, com o devido respeito. Sou um monstro de resistência e um técnico em sobrevivência - pois o carioca é, antes de tudo, um forte. Se às vezes saio do Rio por algum tempo para descansar de seus perigos e desconfortos (certa vez inventei até ser correspondente de guerra, para ter um pouco de paz) a verdade é que sempre volto. Acostumei-me, assim, a viver perigosamente. Não sou covarde como esses equilibristas estrangeiros que passeiam sobre

fios entre os edifícios. Vejo-os lá em cima, longe, dos ônibus e lotações, atravessando a rua pelos ares e murmuro: eu quero ver é no chão.

Também não sou assustado como esse senhor deputado Tenório Cavalcanti, que mora em Caxias e vive armado; moro bem no paralelo 38, entre Ipanema e Copacabana, e às vezes, nas caladas da noite, percorro desarmado várias boates desta zona e permaneço horas dentro da penumbra entre cadeiras que esvoaçam e garrafas que se partem docemente na cabeça dos fiéis em torno. E estou vivo.

Ainda hoje tenho coragem bastante para tomar um ônibus ou mesmo um lotação e ir dentro dele até o

centro da cidade. Vivo assim, dia a dia, noite a noite, isto que os historiadores do futuro, estupefatos, chamarão a Batalha do Rio de Janeiro. Já fiz mesmo várias viagens na Central. Eu sou um bravo, senhor.

Sei também que não me resta nenhum direito terreno; respiro o ar dos escapamentos abertos e me banho até no Leblon, considerado um dos mais lindos esgotos do mundo; aspiro o perfume da curva do Mourisco e a brisa da Lagoa e - sobrevivo. E compreendo que, embora vós administreis à maneira suíça, nós continuaremos a viver à maneira carioca.

Eu é que não me queixo; já me aconteceu escapar de morrer dentro de um táxi em uma tarde de inundaçãõ e ter o consolo de,

chegando em casa, encontrar a torneira perfeitamente seca.

Prometestes, senhor, acabar em 30 dias com as inundações no Rio de Janeiro; todo o povo é testemunha desta promessa e de seu cumprimento: é que atacaste, senhor, o mal pela raiz, que são as chuvas. Parou de chover, medida excelente e digna de encômios.

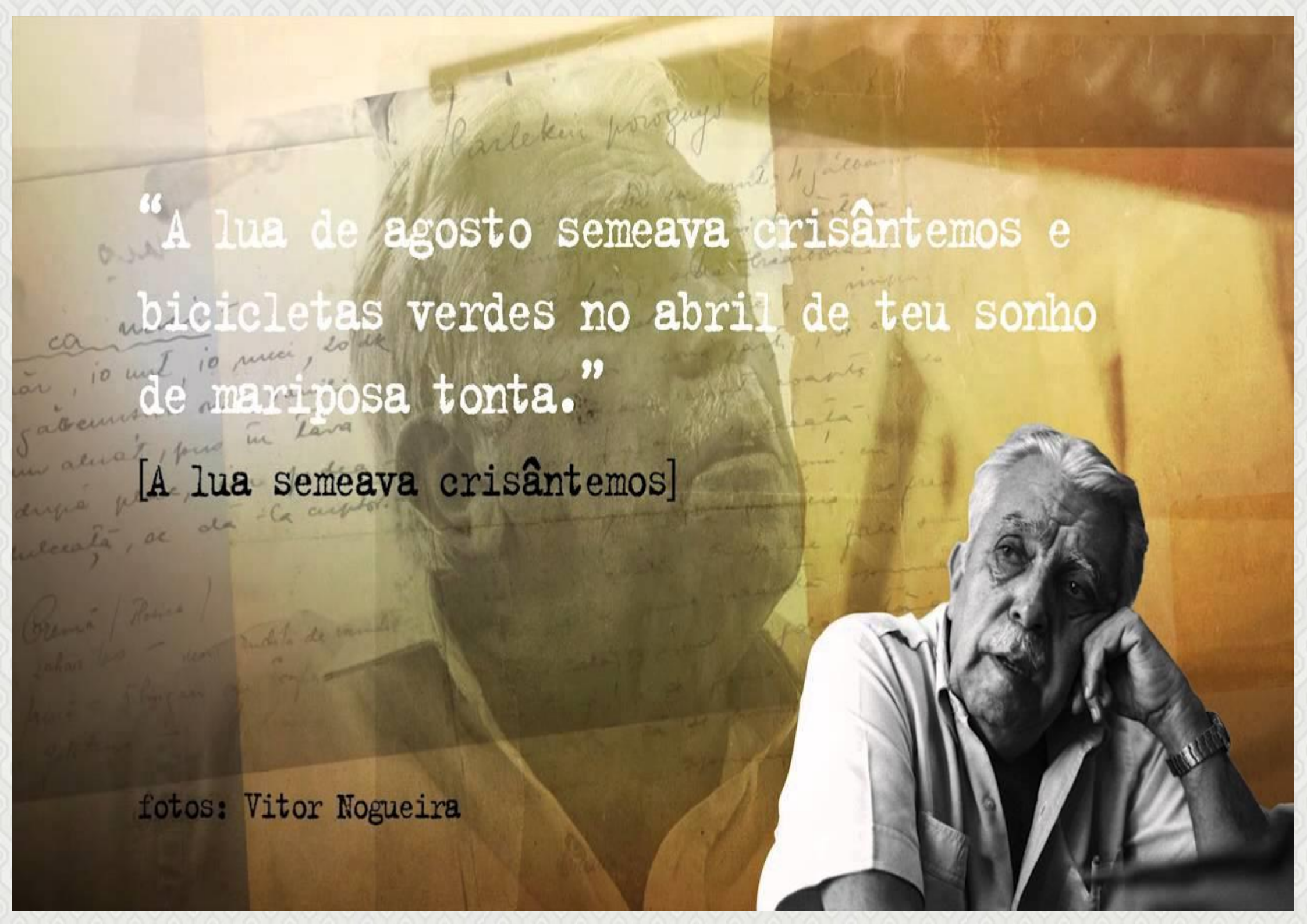
Mas não é para dizer isso que vos escrevo. É para agradecer a providência que vossa administração tomou nestas últimas quatro noites, instalando uma esplêndida lua cheia em Copacabana. Não sei se a fizestes adquirir na Suíça para nosso uso permanente, ou se é nacional. Talvez só possamos obter uma lua

cheia definitiva reformando a
Constituição e libertando Vargas.

Mas a verdade é que o luar sobre
as ondas me consolou o peito. E eu
andava muito precisado. Obrigado,
Senhor.

Rubem Braga

Rio, junho de 1951



“A lua de agosto semeava crisântemos e
bicicletas verdes no abril de teu sonho
de mariposa tonta.”

[A lua semeava crisântemos]

fotos: Vitor Nogueira

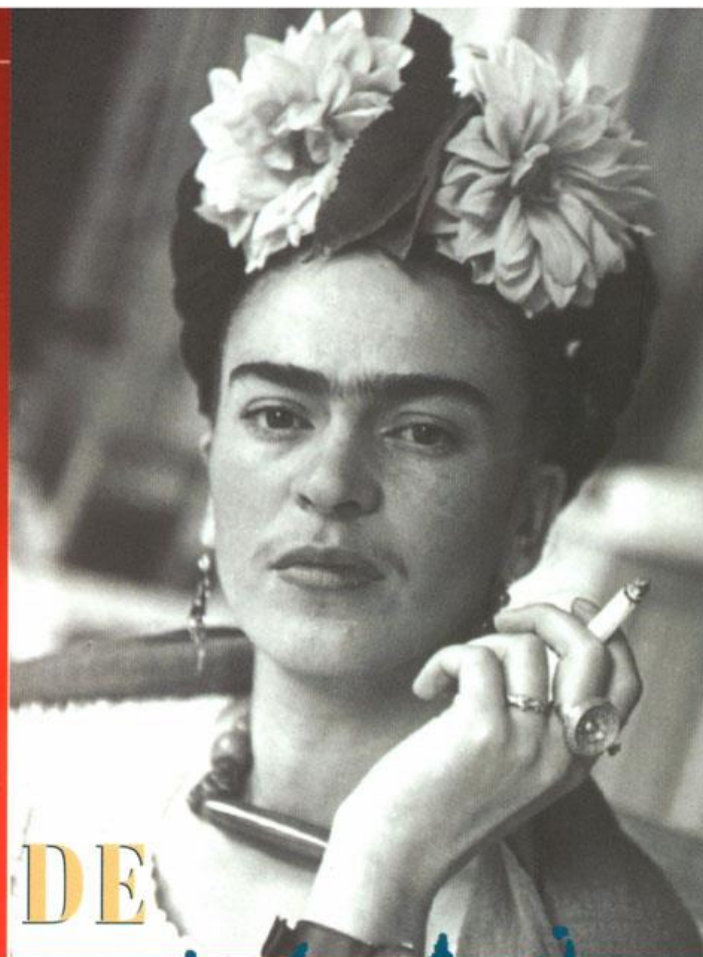
POST CARD
ACTUAL PHOTOGRAPH

Querido Doctorcito,
Te extraño muchísimo. Dieg
el fresco el día 20 de nov.
cuento los días para larg
Cómo estás tú y que haces.
de menos. No sabe como te
hubieras venido a verme a
quiero rete harto. Por lo
ras escribeme y dime
Diego y como sigue de sus
muchos b



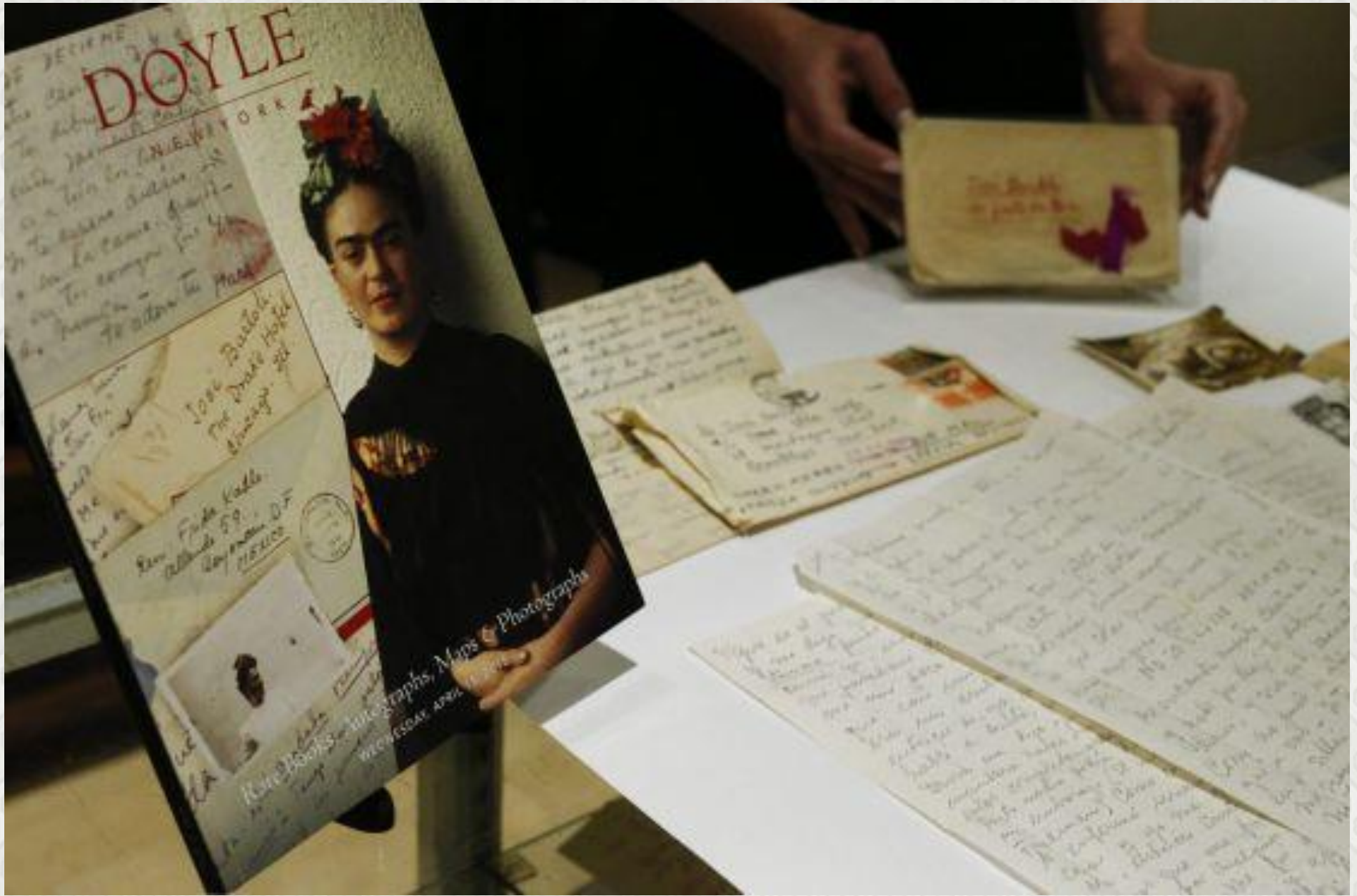
MARTHA ZAMORA
COMPILAÇÃO

CARTAS
APAIXONADAS DE




Frida Kahlo

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA



Culos:

Hoy comencé a dancarla (Verger) 
Extraordinaria, hermosa, es más
de mi autofo esteticamente.
no se si ella sintió lo que
yo. Pero eso que es una
mujer (lo bastante) hermosa
que me me la pella no
deda... en segundos en
desembarazarse ante ella
cuantas veces no se te
autofo un autofo y ya.
Ella repite lo estético.
A eso es un regalo que
el cielo me envía.

Frida K

Agosto 19 de 1939.

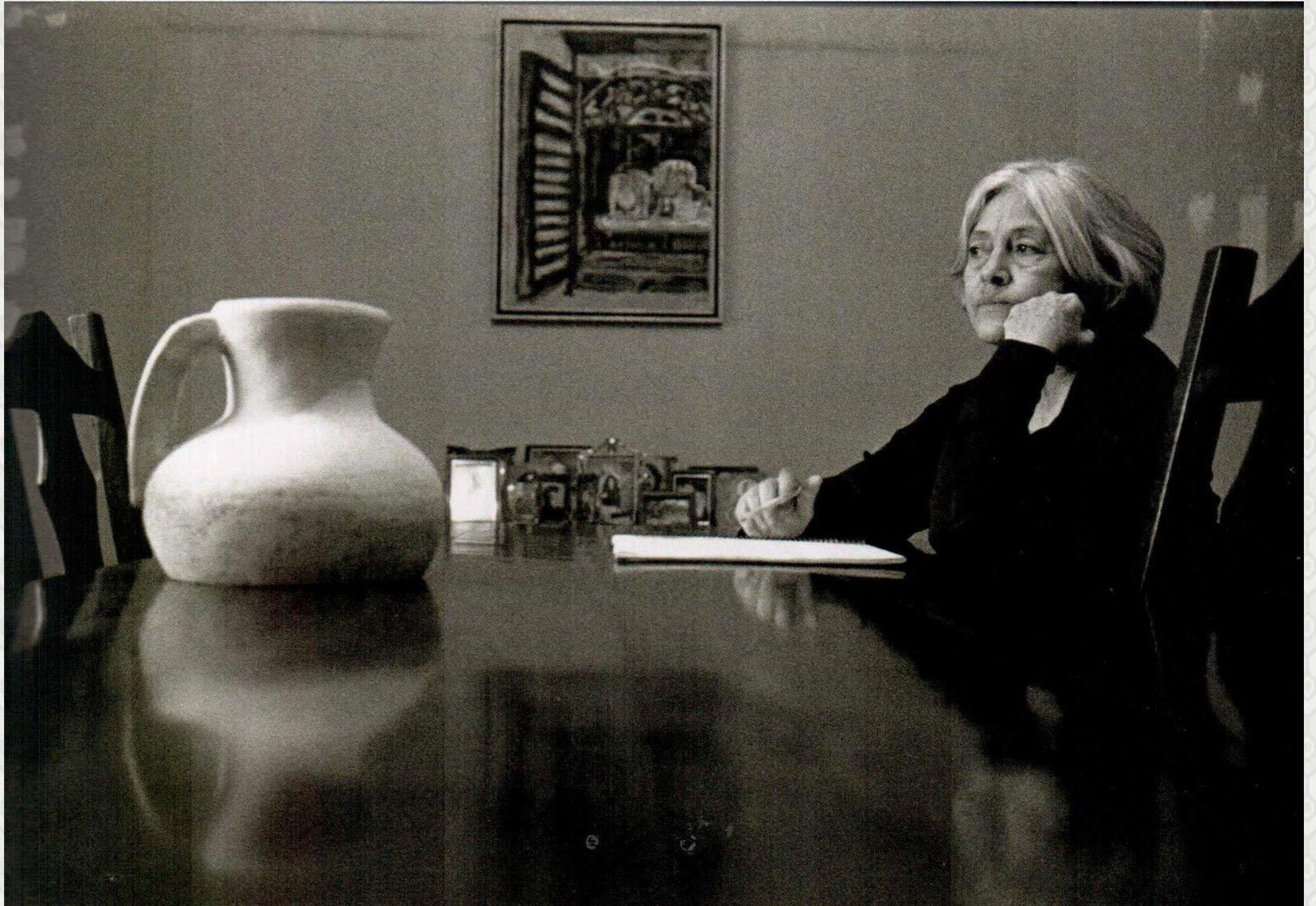
Mi niño,

Hoy hace diez años que nos casamos,
tú seguramente ni siquiera recordarás
el día ni la fecha ni nada. Yo sí.
Ahí le mandé esas flores, y en cada
una un montón de besos y el mismo
carino de toda la vida.

Hoy en la mañana me acordé de aquella
cuando desperté y dije: ¡Zócalo! ya es tarde
tarde para irme a la escuela! (20 de
Agosto de 1929)

Te adora tu

Frida.





O amor usa o correio, o correio trapaceia, a carta não chega, o amor fica sem saber se é ou não é.

Adélia Prado

Cartas de amor são escritas não para dar notícias, não para contar nada, mas que as mãos separadas se toquem ao tocarem a mesma folha de papel

Rubem Alves



Given by R. 108

MAGNA CARTA ET CETERA

51552

Carta antiqua statuta nunc nos
uiter per diuersa exempla
ria examinata et sume
ma diligentia
castigas
ta et correcta cui adiecta
est noua Tabula val
de necessaria.

170
H. B. 108

Thomas de Seyntur
first proue, & then reproue.

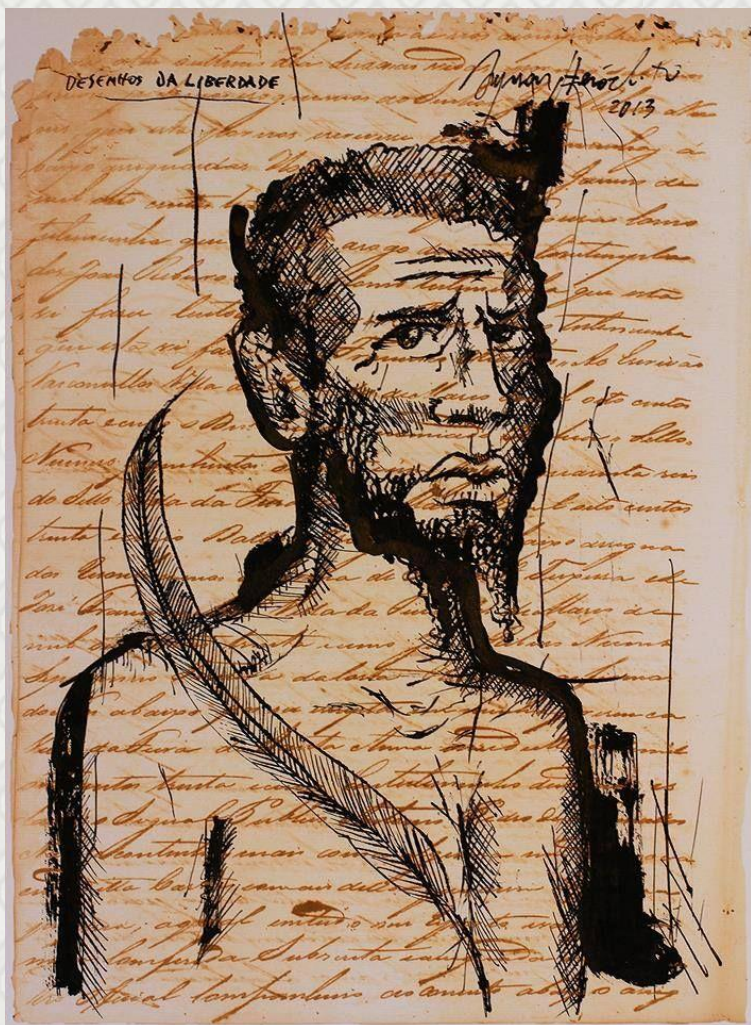


*Carta
de
Alforria*

Por nossa espontanea vontade, concedemos plena liberdade ao nosso ex-escravo
Apolaria..... e para que d'ella
possa gozar de hoje em diante, como se livre
tivesse nascido, mandamos passar a presente,
que somente assignamos,

São Carlos do Pinhal, 1 de Fevereiro de 1888.

Luccillo de Simões



carta de liberdade Cabra Gonçalo



carta de liberdade Luiz Nagô



Carta de Liberdade Maria Parda



Carta de Liberdade Cabrinha Gertrude

AS FILHAS DE EVA



Arte de Rosana Paulino

EVA



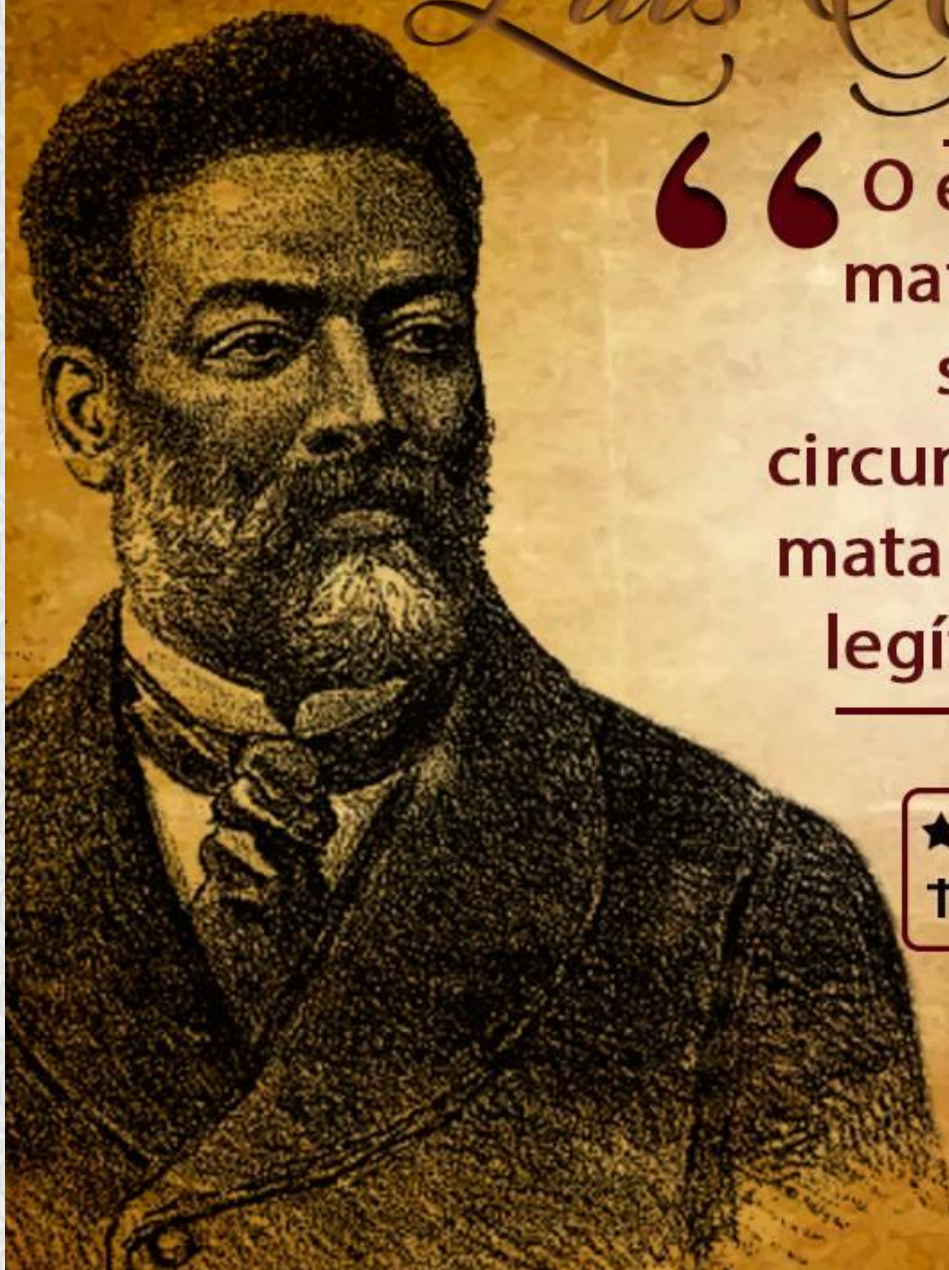


LUIZA MAHIN - Ilustração:Thiago Krenig



Tereza de Benguela

Luis Gama



“ O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa ”

★ 21 de junho de 1830
† 24 de agosto de 1882

CABRIÃO

202
São Paulo 31 de Março de 1867.

Leitor, é hora que se quando em quando o tempo, mesmo o homem que se jura, deixa de parte o lado da modéstia e falla desumbajadamente de si.

Foi a este modo que alguns dias, a modestia, em outras occas. é a hypocrisia da virtude.

Certo dia, quando de que tempo momento é preciso fallar com a alma nas mãos a uma leitora, por exemplo de que em tal occasiões a modestia é sempre honesta, o «Cabrião» pediu de parte a fallar a linguagem da verdade.

Tendo paciencia, a carter; são se trata de muita uma serie de exposto; mas de ouvir o «Cabrião», que é honesto, modéstia, delirio, gratos, e tudo quanto vai por ali além d'isto «dignos».

O «Cabrião», em sua passagem de segunda parte e terceiro momento, estuda que tem obrigação de vir a seu respeito a opinião publica.

Bons leitores, a opinião publica era vós. O «Cabrião» está em vossa presença, e agradece a vossa juiz; feliz—

Bom e sempre, não é o tempo que tem prova sua seriedade em favor da causa publica.

Deixa fallar, não mais a verdade, mas com alguma imparcialidade.

Reflexo do espirito, e disse se não eu ali a verdade.

O «Cabrião» tem segredo e cura o seu programa.

Conquanto a vida e a hypocrisia, indigando com a pena com o lado da dependência visões de castidade, as lagrimas antropologias da politica, as galpões infelizes, e os periculosos de aguas torres, tem procurado abrir os olhos nos espelhos, um momento é no tempo que formos a grande causa social.

Nesta virada tem estado ao verdadeiro ponto de vista se legitimo e outras algumas accões: a igualdad humana, e verdade como ella é, o amor da humanidade, a respeito se tem da vida, o reconhecimento a liberdade individual e social.

Reflexo, e mais os reflexos de que tem sido até a fim de sua carreira.

Através do rio e da galocha, um tempo da reflexão que provoca a hillaridade e a gargalhada, momentos sempre — sempre no «Cabrião» vivem.

O «Cabrião» tem consciencia de que sua importancia está no nivel da grande importancia social da imprensa.

Tem consciencia de que, pelas idéas e pela forma artistica, é um jornal que honra a provincia de S. Paulo.

E hora resvalando, boas leituras: o «Cabrião», o jornal illustrado de S. Paulo, pode apparer em qualquer parte do imperio, dando a respeito da provincia uma idea que a todos a subleite a este estado.

Se com todos os periculosos tem chegado a algum d'esta consideração, melhora ha que o tem feito—para honra sua, para honra do jornal, e para honra da provincia.

Via sua falta sempre. O «Cabrião» além, reconhecendo, e agradece—vós a imparcial e justa consciencia.

Instruções Secretas dos Padres da Companhia

Jozus.

CAPITULO

Da necessidade com a vida, contra o que...

Por quanto se expõem de alguns artigos, e de outros successos por seu espirito publico, antes que sejam conhecidos, os que tem tratado tempo em publico, ou dizer coisa alguma contra a verdade, tanto as superiores recebem, e se segredos os seus «Cabrião» e visões, os seus exposto nas confissões, sempre de certeza, como é costume na Companhia...



PRIMEIRAS TROVAS
BURLESCAS

GETULINO.

Com todos os erros e alguns
Que d'ellas vinda, e de mais,
Indulge-me, e diga assim,
Cada qual dá o que tem,
F. X. de Novais.

S. PAULO.
ALPHIA DOS DE DEZEMBRO
de
Luiz de Azevedo
1850.

Handwritten signature: Manoel Pereira da Silva



je ne puis te connaître et me
 sentir l'importance, ma souffrance
 tu n'y es pas, je pleure et tu
 en doute, je ne suis plus capable
 de te rendre plus tout n'est que
 et indifférent, je suis déjà morte
 et je me compare plutôt à mal
 que je me suis donné pour les choses
 qui ne sont de l'importance de la vie
 et de la mort, ce sont mes larmes
 et peut-être plus de la passion
 même, car toi seul pour me sauver
 j'ai la conscience.
 Ma larme profonde à la douleur
 d'être malade, mon intelligence, l'honneur
 de l'art et si par que j'ai pour toi
 en fin j'ai un cœur, et brève en l'air
 de la passion Rodin

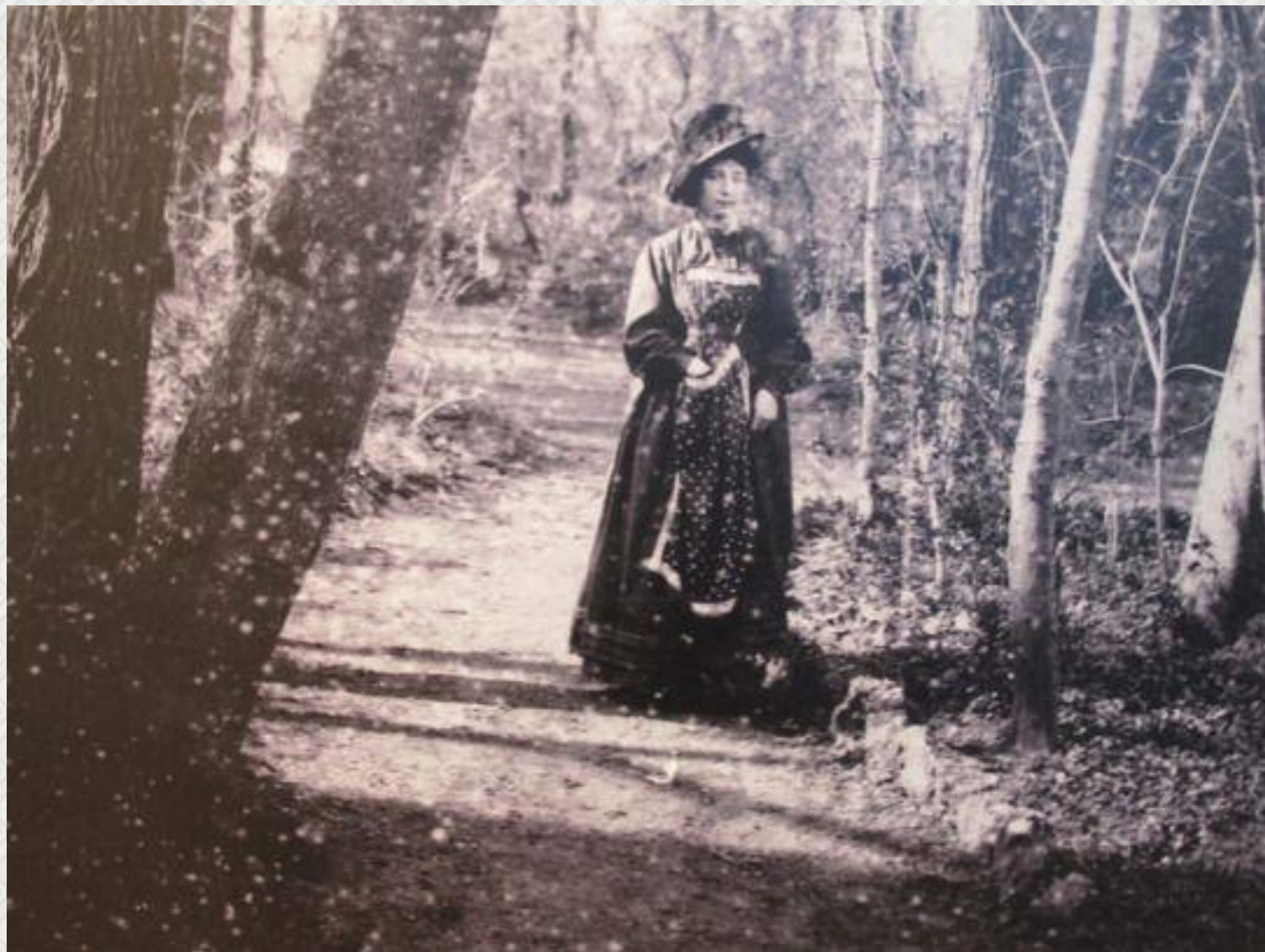
je t'embrasse les mains mon ami,
 celle qui me donne des joies et de la
 si brève, j'ai de toi, mon âme s'est
 avec force et sans la faire d'aimer
 ton respect est toujours au-dessus de
 le respect que j'ai pour ton caractère



je ne puis te connaître et me
 sentir l'importance, ma souffrance
 tu n'y es pas, je pleure et tu
 en doute, je ne suis plus capable
 de te rendre plus tout n'est que
 et indifférent, je suis déjà morte
 et je me compare plutôt à mal
 que je me suis donné pour les choses
 qui ne sont de l'importance de la vie
 et de la mort, ce sont mes larmes
 et peut-être plus de la passion
 même, car toi seul pour me sauver
 j'ai la conscience.
 Ma larme profonde à la douleur
 d'être malade, mon intelligence, l'honneur
 de l'art et si par que j'ai pour toi
 en fin j'ai un cœur, et brève en l'air
 de la passion Rodin

je ne puis te connaître et me
 sentir l'importance, ma souffrance
 tu n'y es pas, je pleure et tu
 en doute, je ne suis plus capable
 de te rendre plus tout n'est que
 et indifférent, je suis déjà morte
 et je me compare plutôt à mal
 que je me suis donné pour les choses
 qui ne sont de l'importance de la vie
 et de la mort, ce sont mes larmes
 et peut-être plus de la passion
 même, car toi seul pour me sauver
 j'ai la conscience.
 Ma larme profonde à la douleur
 d'être malade, mon intelligence, l'honneur
 de l'art et si par que j'ai pour toi
 en fin j'ai un cœur, et brève en l'air
 de la passion Rodin

Última carta de
 Camille Claudel
 a Rodin



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 18.8.75

CL07
cp

Cláudio, querida:

Lei eu refer você e sempre uma
operação feliz: desubriem-se crônicas,
aprimora-se o conhecimento das letras
Sentir isto percorrendo "De Corpulturni"
e "Visão de Splendor". Obrigada, amiga!

O abraço, a admissão, o castelo

Drummond

I-14

Recomendações de Mamãe :

1. Não guardes ódio de ninguém.
2. Compadecete sempre dos pobres.
3. Cala os defeitos dos outros.

dulosa em jural, podera' ser substi-
tuída por beijos; fica a seu ci-
telis. E daqui lly manda um
abraço afetuoso, com a estima
de sempre, o

Carlos Amund

Lis, 22.1X.59

Cartas de Drummond para mãe são expostas pela 1ª vez

Casa em que o poeta nasceu, em Itabira (MG), exhibe 121 correspondências

Textos foram escritos entre 1925 e 1948; material permaneceu por cerca de 20 anos com jornalista mineiro

MARILIA KODIC
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

"Minha boa mamãe: depois de alguns dias de silêncio, aqui está de novo o seu caçula, para pedir-lhe a bênção e conversar um pouco", escrevia Carlos Drummond de Andrade à mãe, Julieta Augusta, em agosto de 1942.

Adquiridas há duas décadas por um jornalista de Lavras, sul de Minas Gerais, essa e 120 outras cartas escritas por Drummond para sua mãe são expostas ao público pela primeira vez.

Compradas nos anos 1990 por Eduardo Cicareli das mãos de Ita, cunhada do poeta, que as herdou da própria Julieta, as cartas retornam agora à Casa de Drummond, onde o escritor viveu até os 13 anos, em Itabira (MG). O local é hoje um centro cultural.

"Assim que tive notícia pela mídia de que havia um pre-



Cartas de Drummond à mãe, expostas em Itabira (Minas)

cioso acervo de cartas e documentos de Drummond na mão de um jornalista de Lavras, liguei para ele imediatamente", diz Marconi Drummond Lage, primo do escritor e superintendente da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade.

"Cicareli me contou que era filatelista e estava fazendo uma exposição de selos no Rio de Janeiro quando um amigo ofereceu o lote de cartas. Ele me disse — o que é

muito engraçado — que vendeu um carro pra comprá-las", diz Lage.

Mesmo com propostas vindas da França e Inglaterra, o jornalista vendeu o lote à fundação por R\$ 21 mil em outubro do ano passado.

As cartas ficam em exposição na Casa de Drummond até junho. Depois, partem para o Memorial Carlos Drummond de Andrade, também em Itabira.

Escritas entre 1925 e 1948,

as 121 cartas constituem um importante instrumento para entender a relação entre o poeta e sua mãe, sobre a qual se sabe muito pouco.

De tom afetuoso, as cartas começam, em sua maioria, com a saudação "Querida mamãe" e tratam de amenidades como o trabalho no Ministério da Educação, notícias sobre a filha Maria Julieta, perguntas sobre Itabira e pedidos de bênção.

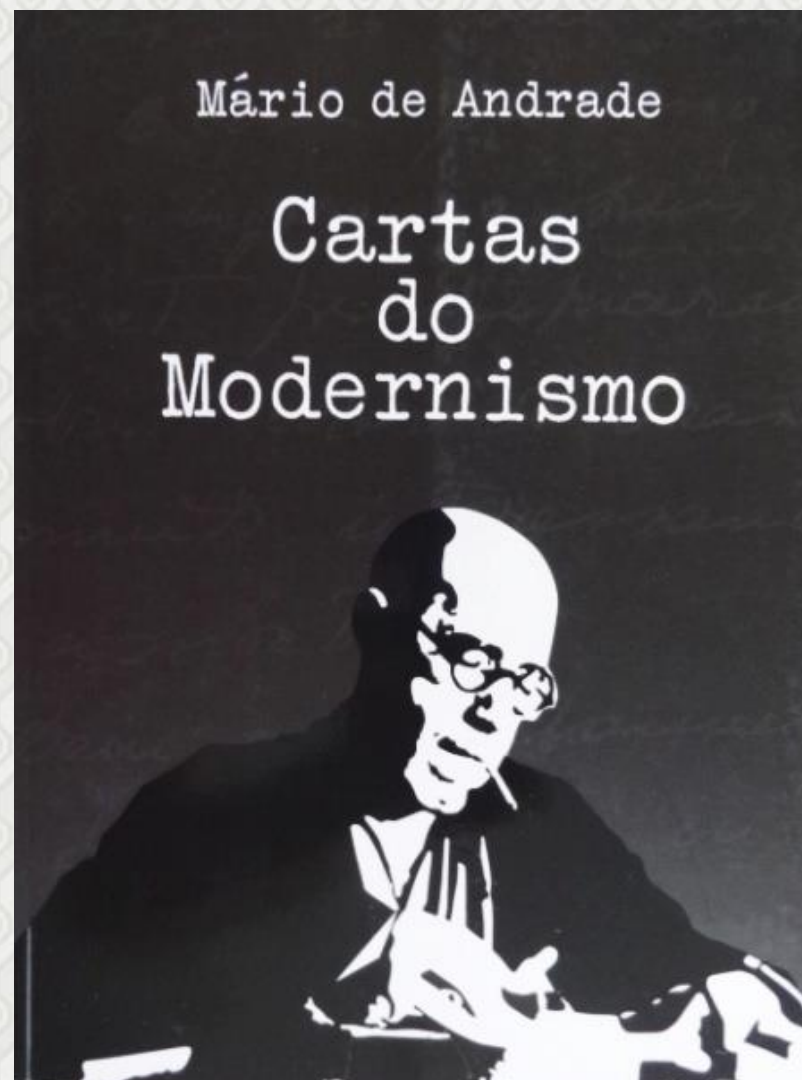
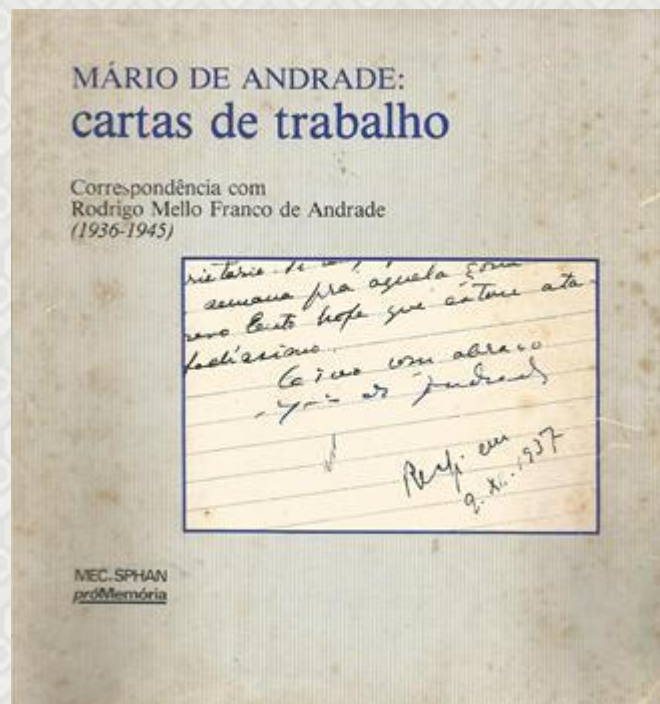
Quanto à localização da outra metade, as respostas escritas pela mãe, Lage diz apostar em duas possibilidades: o Instituto Moreira Salles, que abriga parte do acervo da família de Drummond, e a Casa Rui Barbosa, que possui parte do acervo de correspondência do poeta, principalmente com outros escritores da geração modernista.

A reportagem da **Folha** apurou que há, no Instituto Moreira Salles do Rio, quatro pastas, organizadas pelo próprio escritor mineiro antes de sua morte, contendo cartas escritas pela mãe. São, no total, 288 documentos que datam entre 1925 e 1948 — mesma data das cartas escritas por Drummond.

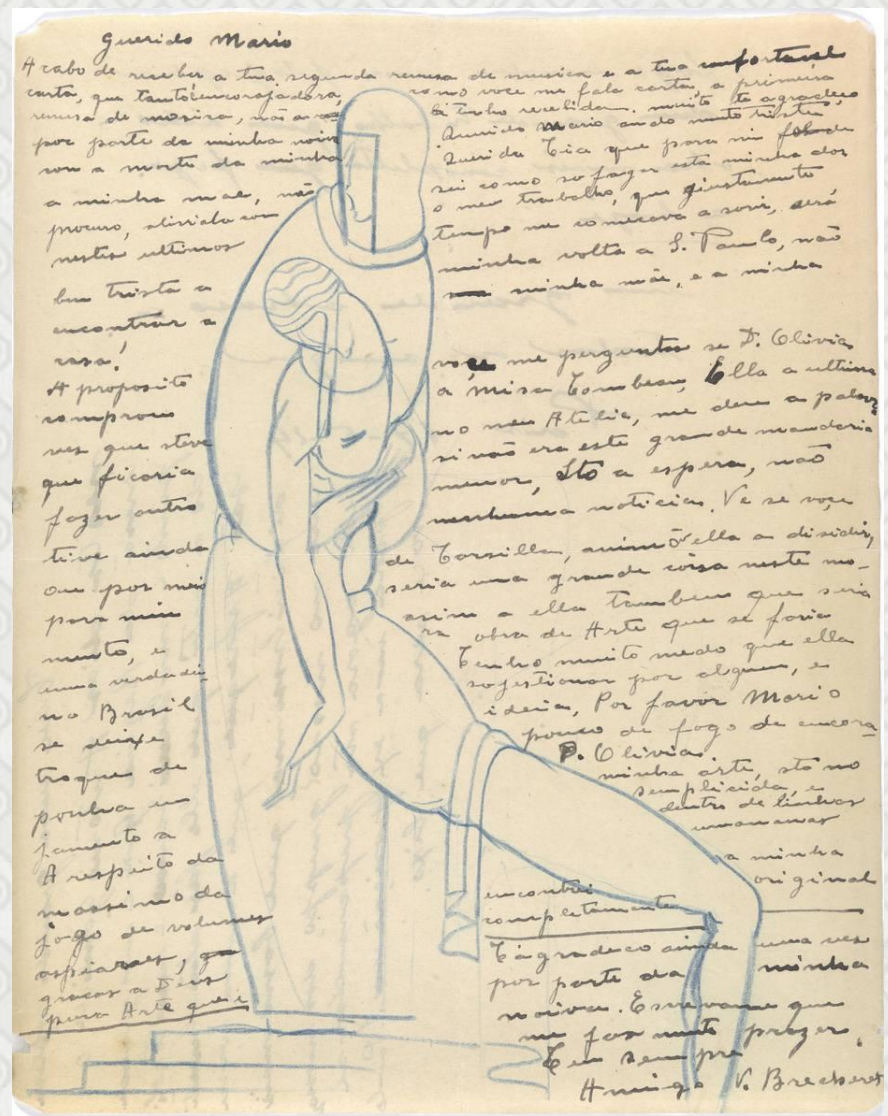


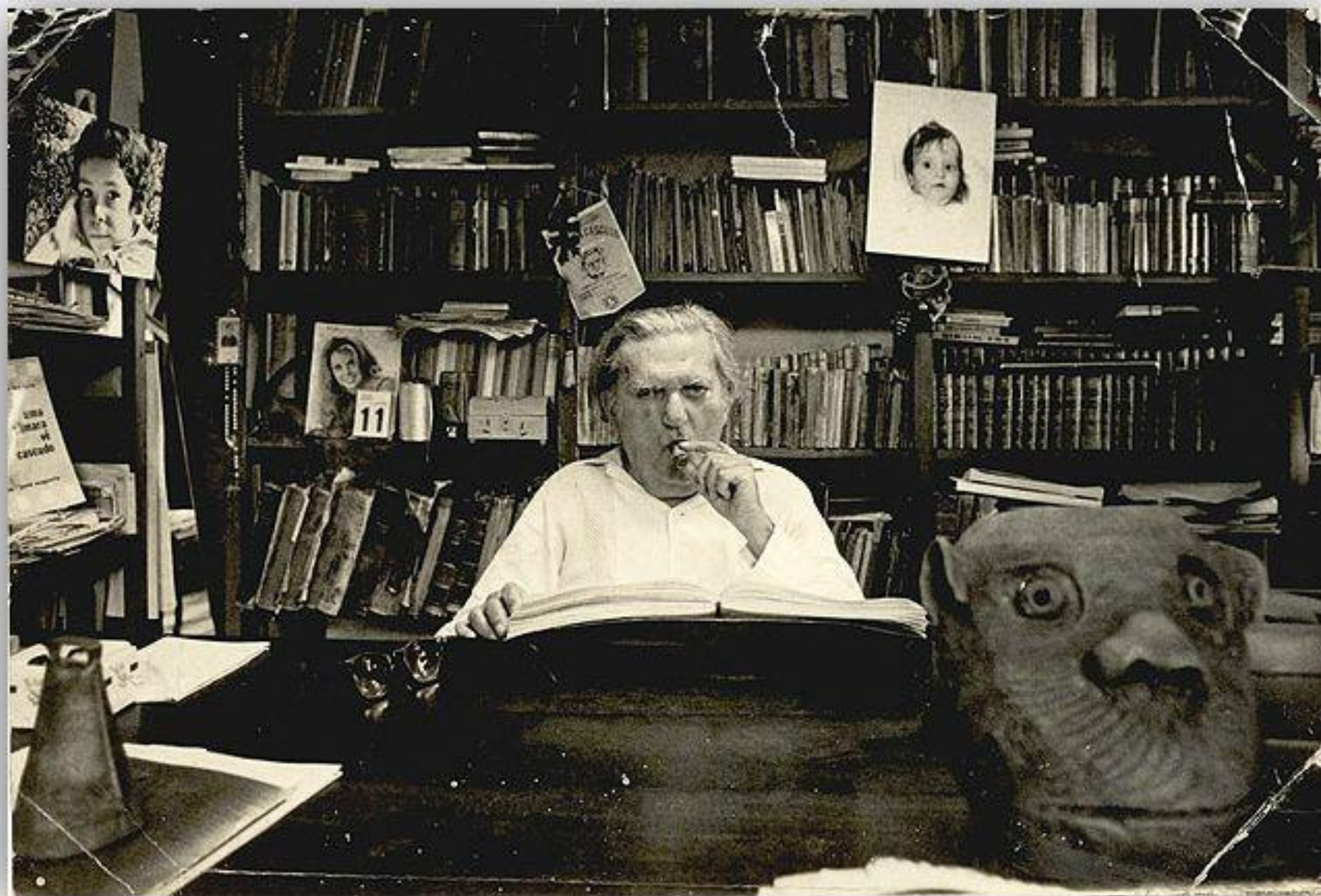
Enfim, senhoras Amazonas,
heis de saber ainda que a
estes progressos e luzida
civilização, hão elevado
esta grande cidade os seus
maiores, também chamados
de políticos. Com este
apelativo se designa uma
raça refinadíssima de
doutores, tão
desconhecidos de vós, que
os diríeis monstros.
Monstros são na verdade
mas na grandiosidade
incomparável da audácia,
da sapiência, da

honestidade e da moral; e
embora algo com os homens
se pareçam, originam-se
eles dos reais uirauaços e
muito pouco têm de
humanos. Obedecem todos a
um imperador, chamado
Papai Grande na gíria
familiar, e que demora na
oceânica cidade do Rio de
Janeiro - a mais bela do
mundo, na opinião de todos
os estrangeiros, e que por
meus olhos verifiquei
(In: Carta às Icamíabas -
Mário de Andrade)

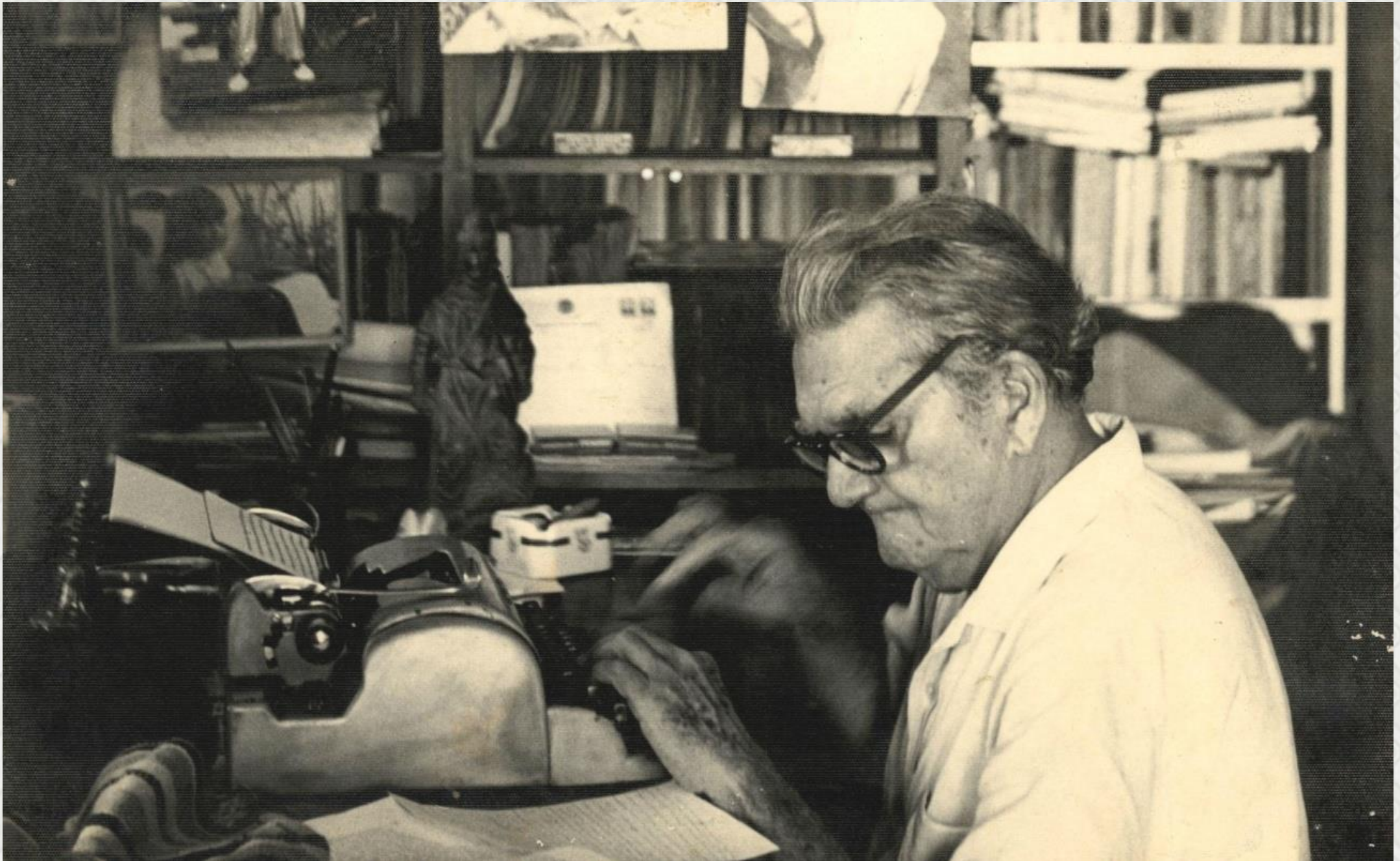


Carta de Di Cavalcante a Mário de Andrade





Acervo Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo



“Meu amigo:

Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos, para daqui a mil anos... É quase certo que esta carta te não chegará às mãos ou que, chegando, a não lerás.

Pouco importa. Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais direta

que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo.”

(Vergílio Ferreira, *Carta ao Futuro*)

FILIPPE DELFIM SANTOS

José Régio
CORRESPONDÊNCIA
com seu irmão Antonino

Chiado Editora

José Régio

CORRESPONDÊNCIA com seu irmão Antonino



Chiado Editora

UMA CORRESPONDÊNCIA INESPERADA ENTRE JOSÉ RÉGIO E O SEU IRMÃO ANTONINO, NA QUAL PERPASSAM TEMAS FAMILIARES, LITERÁRIOS, POLÍTICOS, EXISTENCIAIS E ATÉ PSICANÁLITICOS, REVELANDO A ATENÇÃO DEVOTADA PELO MAIS DESCONHECIDO DOS CINCO IRMÃOS REIS PEREIRA À VIDA LITERÁRIA DO SEU FAMOSO IRMÃO.



Carta de Amor

José Régio

Ouve-me!, se é que ainda
Me podes tolerar.
Neste papel rasgado
Das arestas da minh'alma,
Ai!, as absurdas intrigas
Que te quisera contar!
Ai os enredos,
Os medos,
E as lutas em que medito,
Quer dê, quer não dê por isso,
Sem descansar
Um momento...!
Quem sofre - pensa; e o tormento
Não é sofrer, é pensar.
O pensamento
Faz engolir o vômito de fel...
Ouve! se sou cruel
Neste papel queimado
Dos incêndios da minh'alma,
é de raiva de que embalde
Te procure dizer sem falsidade

Coisas que, ditas, já não são
verdade...

E procuro eu dizê-las,
Ou procuro escondê-las?
E procuro eu dizer-tas,
Ou procuro a vaidade
De mas dizer, a mim, de modo que
mas ouçam
Esses mesmos que desprezo,
E cujo louvor me é caro?
Não me acredites!
O que digo,
Antes ou depois, o peso;
E não!, não é a ti que me eu declaro!
Sei que me não entendes.
Sei que quanto melhor te revelar
O meu mundo profundo,
O fundo do meu mar,
Os limos do meu poço,
O antro que é só meu (sendo, apesar
de tudo, nosso)
Menos me entenderás,
Tu..., - a minha metade!
Por isso me não és senão vaidade,
Meu amor!, meu pretexto
Deste miserável texto...

Vês como sou?
Mas sou pior do que isto.
Sabe que, se me acuso,
é só por vício antigo
De me lamber as mãos e agatanhar o
peito,
De me exhibir a Cristo!
Sabe que a meu respeito
Vou além de quanto digo.
Sabe que os males que ora uso,
Como quem usa
Cabeleira ou dentadura,
São a pintura
Que esconde os mais verdadeiros,
De outro teor...
E sabe que sou pior!:
Sabe (se é que o não sabes)
Que ao teu amor por mim foi que
ganhei amor.
Que a ti..., sei lá se te amo.
Sei que me deixam sozinho
Ante o girar dos mundos e dos
séculos;
Sei que um deserto é o meu caminho;
Sei que o silêncio
Me há-de sepultar em vida;

Sei que o pavor, a noite, o frio,
Serão jardim da minha ermida;
Sei que tenho dó de mim...
Fica tu sabendo assim,
Querida!,
Porque te chamo.
Mas amar-te?!
Não!, minha vida.
Não! Reduziram-me a isto:
Só a mim amo.
Ama-me tu, se podes,
Sem procurar compreender-me:
Poderias julgar que me encontravas,
E seria eu perder-te e tu perder-me...
Ao menos tu..., desiste!
A sobre-humana prova que te peço,
A mais heróica!,
A mais ingloria e a mais triste,
é essa..., - é este o meu preço.
Mais que o despeito, o ódio, a
incompreensão
Dos por quem passei sereno,
Estendendo a mão afável
Ao frio, pérfido, amável
Aperto da sua mão,
Me punge,

Me pesa no coração,
O fruste amor dos que me
interpretaram.
Ai!, bem quiseram amar-me!
Bem o tentaram.
Mas nunca me perdoaram
O não serem dominados
Nem poderem dominar-me...
E assim o nosso amor foi uma luta
De cobardes abraçados.
Entre eu e tu,
Tão profundo é o contrato
Que não pode haver disputa.
Não é pacto
Dum pobre aperto de mão:
Entre nós, - ou sim ou não.
Despi-me..., vê se me queres!
Despi-me com impudor,
Que é irmão do desespero.
Vê se me queres,
Sabendo que te não quero,
Nem te mereço,
Nem mereço ser amado
Pela pior
Das mulheres...
Poderás amar-me assim,

(Como explicar-me?!)
Por Qualquer Causa que eu for,
Mas não por mim!, não a mim...!

Beijo-te os pés, meu amor.

José Régio

José Régio

Três Peças
em
um Acto

Três Peças
fantasia dramática
O meu Caso
para
dramas em 3
actos
epitáfio 30-1-1900

O meu caso

farsa em 1 acto

por
José Régio

(Sobe o pano sobre uma sala esplendidamente mobilada. Logo entra um homem a correr, que será designado na farsa por O Desconhecido. Entra arquejante e desvairado. Dirige-se ao público num estado de grande excitação.)

O Desconhecido

Meus senhores! Vossas Excelências vão estranhar esta correnteza estranha. Com toda a razão! Com toda a razão! Mas eu já explico; em poucas palavras, que não há tempo para mais... O caso é este: Na rubrica da peça que hoje se estreia, diz que a cena estará deserta uns momentos. Bem! eu preciso de aproximar estes momentos! Vossas Excelências desculpem, é preciso! Consegui aqui entrar nem sei como:



Nininho da minha alma: Cheguei agora de minha irmã, são quase 11 horas e vou-me já, já, deitar porque estou moidíssima. Gostei da tua cartinha do 6 e fiquei com pena de não ter mais, hoje mandei uma pequena à minha casa para saber se lá tinha alguma carta, mas não tinha nada. Porque não escreveste [,] mau mau? Ai Álvaro de Campos [,] A. de C. [,] então eu faço troça do Nininho? Podes garantir porque não erras, realmente no Domingo

estava bem disposta e alegre e gostei imenso irmã quando o meu cunhado se for embora. Não Nininho [,] mesmo de ver o meu Ibizinho. E a prova que estou bem disposta é que cosi todo o dia. Amanhã espero-te em Belém, não faldes não? E vai cedinho que é para eu não esperar muito, se eu antes das 6 ½ não estiver lá não te admires [,] é porque ainda não saí, e não porque me tenha ido embora, eu espero até às 6 ½. Eu afinal parece-me que fico de todo com a minha eu não gosto de si, mas eu no Sábado escrevi, mas não tinha selos e juntei com a de Domingo como viste. Vou já fazer óó, tu não queres vir?, não gostas do bebé... Adeus amor até amanhã. Apaixonados jinhos, da tua Ofélia!

cartas de Ofélia a Fernando Pessoa

*Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas.*

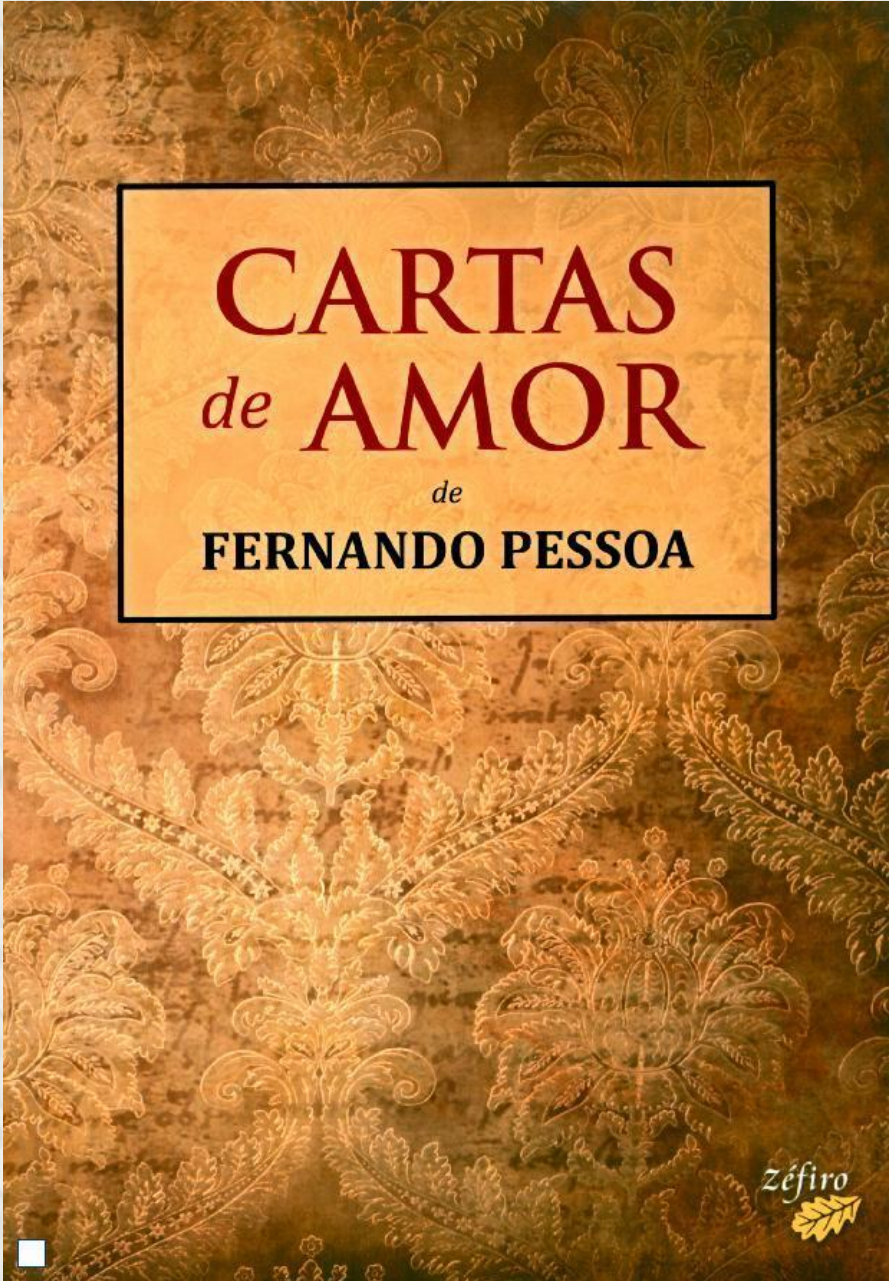
*Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.*

- *As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.*

*Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas
(...)*

— Fernando Pessoa, "Poemas"





CARTAS
de **AMOR**
de
FERNANDO PESSOA

Zéfiro

GRAND CAFÉ
DE LA
CE BLANCHE

PH. : GUTENBERG 39-32

ADMIRALITE ROYALE

1157-10-20

812116



Monsieur

Fernando Pessoa

critérios A. Xavier Pinho & Cia

Rua de S. Julião

Portugal

Lisbonne



CAFÉ DE FRANCE

RESTAURANT

CH. SÉBILLON

L. BILLARD, SUCC^r



TÉLÉPHONE 1029-45

115⁵ 20
9, Boul^d S^t Denis
Boul^d Sébas



Monsieur

Fernando Pessoa

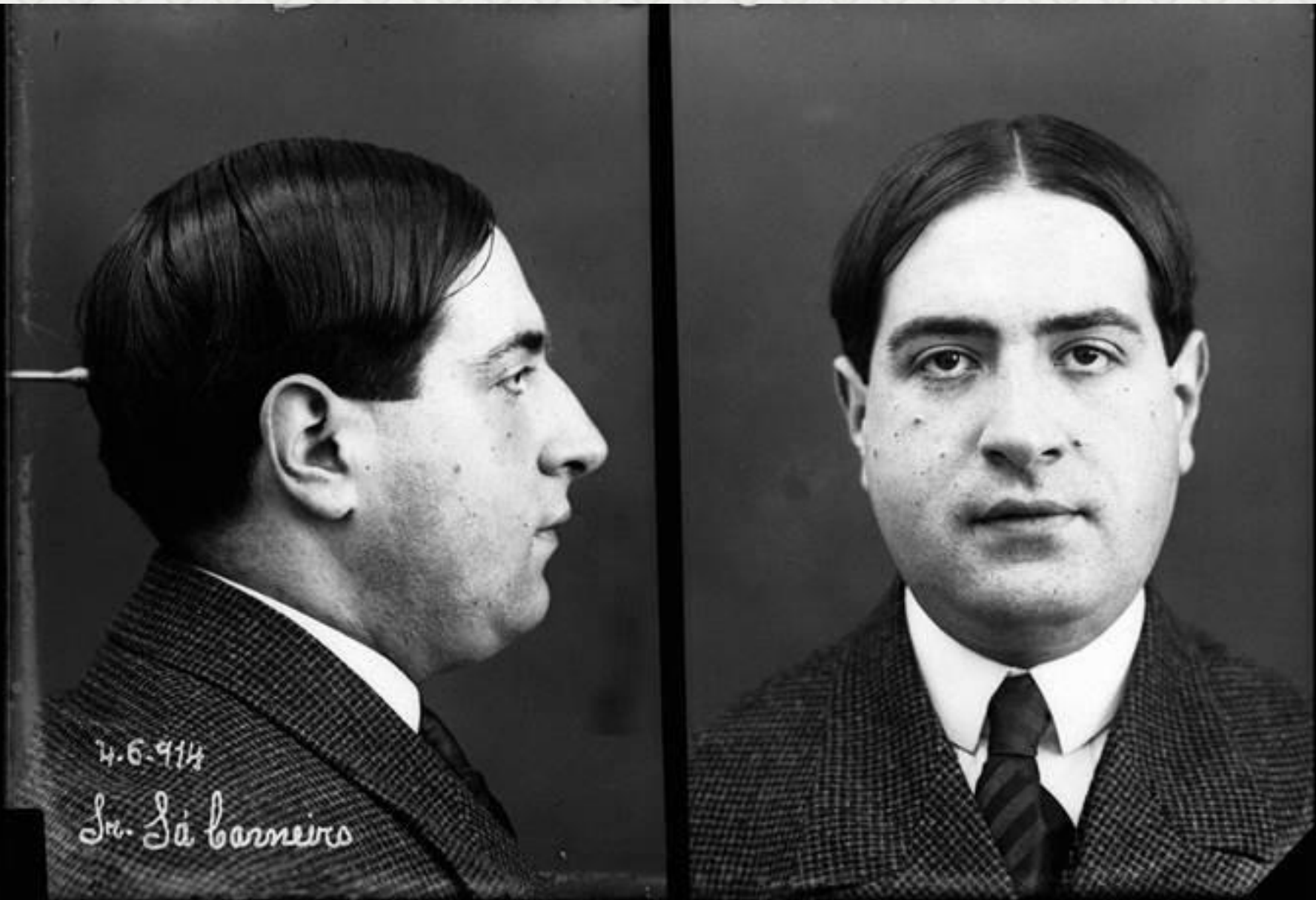
119 rua Pascoas de Azeite
(3^o direito)

Lisbonne

(Portugal)

1914





4.6.914

Sr. João Carneiro

Pedro Eiras

CARTAS REENCONTRADAS

de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro

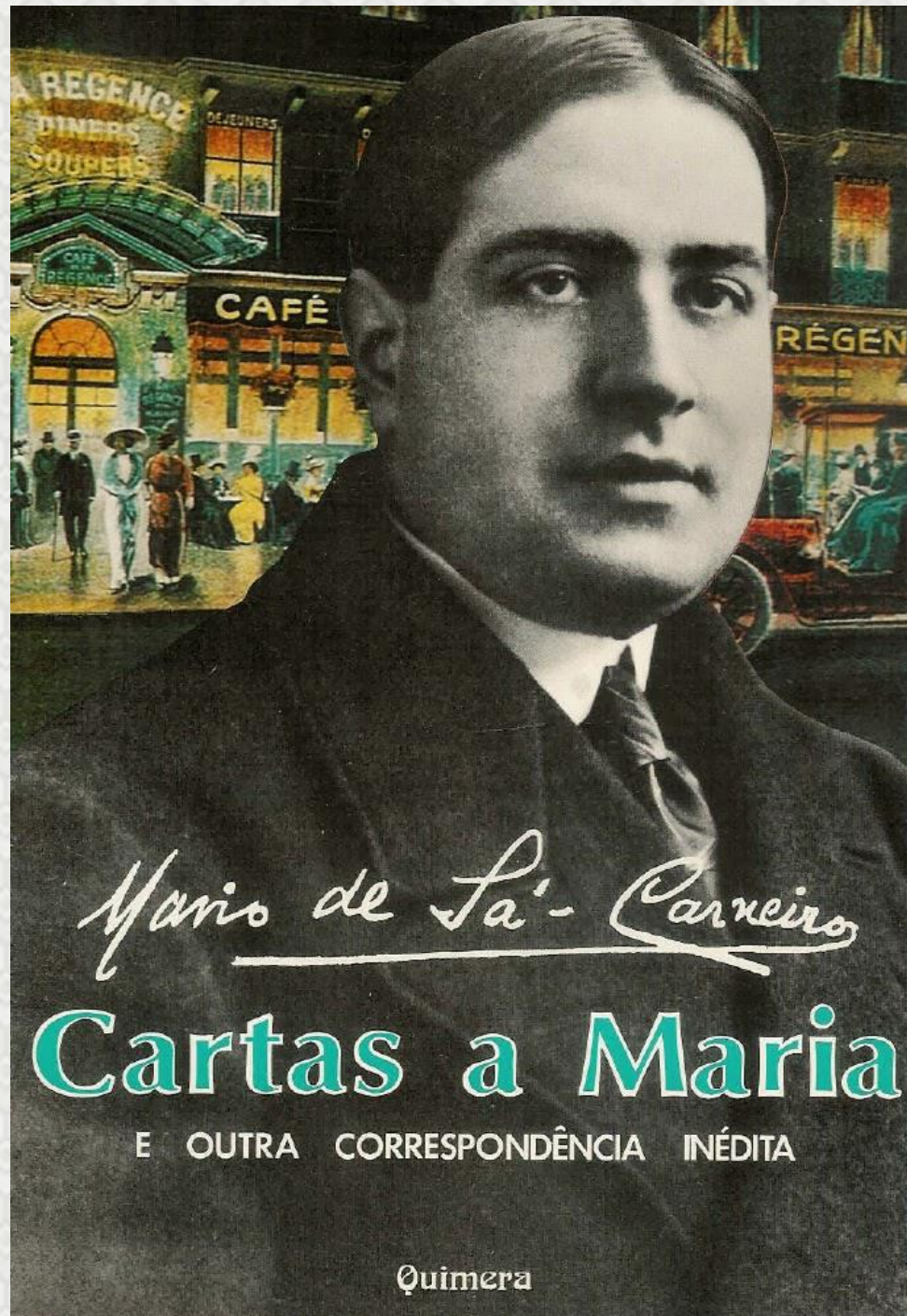


ASSÍRIO
& ALVIM

ISBN 978-972-37-1080-1 1 0



79436 10



Mario de Sa-Carneiro

Cartas a Maria

E OUTRA CORRESPONDÊNCIA INÉDITA

Quimera

115⁵-91

Tarjeta Postal



Lit. aut.
Catedra de
D. o de la
Carmen
4 set. 1914



Al Señor don Fernando
Pessoa - 119 rua

de Passagem de D. João
(202)

Lisboa

- Portugal -

Maria Velho da Costa

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

À

Alexandra

este livro sobre o exercício
da paixão feminina, e
a liberdade.

com um abraço,

Henriqueta

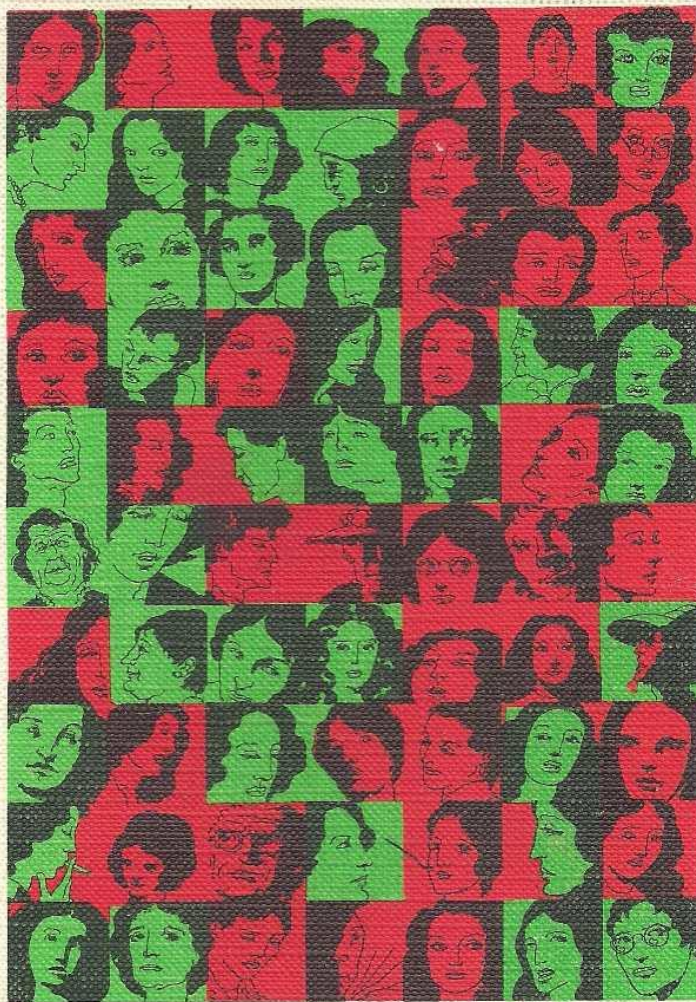
Henriqueta

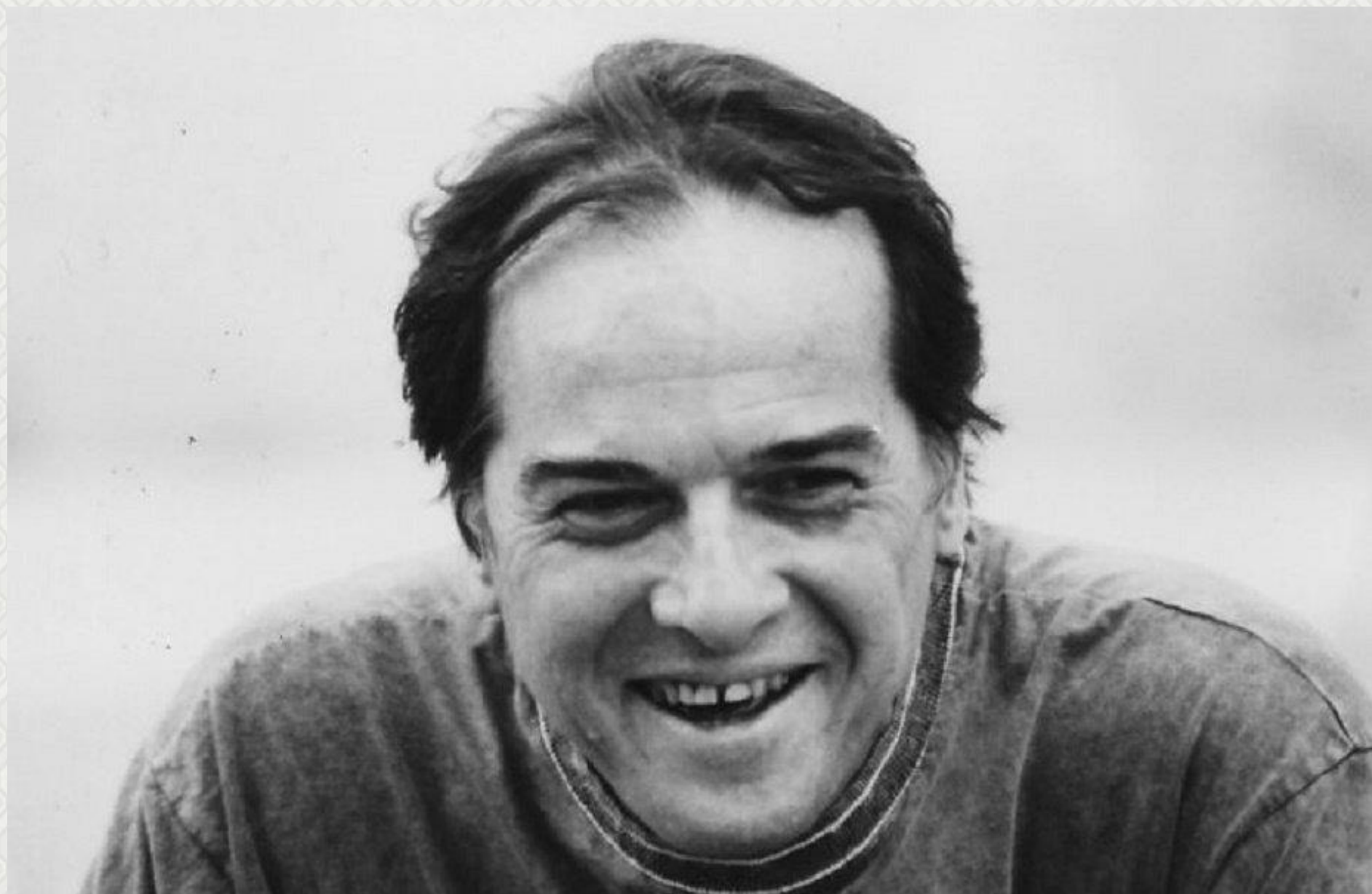
NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

MARIA ISABEL
BARRENO

MARIA TERESA
HORTA

MARIA VELHO
DA COSTA





Vou moer teu cérebro. vou retalhar
tuas coxas imberbes & brancas.
vou dilapidar a riqueza de tua
adolescência. vou queimar teus
olhos com ferro em brasa.
vou incinerar teu coração de carne &
de tuas cinzas vou fabricar a
substância enlouquecida das
CARTAS DE AMOR.”

**Roberto Piva, *20 Poemas com
Brócolis*, 1981**

CARTA A GEORGE SAND

Por Tânia Lima

Nada do que eu já fiz me agrada desdizer. O que fiz com o uso de vinte palavras durante vinte anos, quarenta anos? Alguma ação, algum gesto, alguma lembrança, algum cuidado, alguma sobra de amizade, o que restará de tudo que se escreveu no campo da afeição? O que se esvaçou, como se encantou, quando se desencantou? Nem amar eu sabia, nem amor eu pré-sentia ou percebia. Por que se fazia da lealdade um registro de convivência. Se era conveniente para mim, servia para quem?

Isso se chama moeda de troca menos afeição pelo outro. Se não me serve, descarto? Pensava que somando paixão e compaixão eu amava, mas como amar apressadamente o mundo que aí está? Mas o que é amar lentamente alguém? Nunca se sabe mesmo nada, mas sempre soube que a prova dos nove do amor é o cuidado. Porque eu, só por ter tido cuidado, pensava que amar era simplesmente fácil. Agora, penso que amando o simplexo é que atingimos a solidão de amar. Um dia farei o impossível para não amar de menos as pessoas, mas como amar na medida certa, em um mundo incerto? É o mesmo que escrever cartas a Romeu e Julieta sem ter que dizer: ama-me o bastante, ama-me apenas o suficiente. Às vezes, o amor que

se dá ao outro suaviza os ombros; toda palavra já nasce perdoada, quase na medida dos afetos, aqueles que medem a leveza de uma pena de pássaro. Se não exagero os afetos, tento pelo menos não cobrar do outro o minimalismo de vir a sentir igual a mim. Cada um ama a seu modo de diferentes maneiras. Não se ama de igual modo porque cada um ama de forma diferenciada. Tola alma gêmea. Descobrir-se é uma forma de paz, quando se percebe que aquela que ama seu próximo, ama primeiro a si mesmo, pois assim deve ser. George Sand dizia à margem do século XIX que o "amor passa, a amizade volta, mesmo depois de ter dormido um certo tempo". De lá pra cá, o que sobrou do amor? Nada. Quase pouco sobrou do

amor e da forma de se amar. Em plena "idade média" como ser amorosa vinte e quatro horas por dia? Como sentir tanto; amar tanto; descasar, casar novamente, descamar, renascer das cinzas todo santo dia? Nem Lacan explica. E o que dizer, quando fazemos tudo para que nos amem, mas não conseguimos? Não fazer mais nada? Fica-se obesa de tanto amor excessivamente desperdiçado? Leia e releia Clarice Lispector: "quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis, pois o amor nasce, ou não, espontaneamente, mas nunca por força de imposição. Às vezes, é inútil esforçar-se

demais, nada se consegue; outras vezes, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido". Fico pensando nas palavras de Clarice. Viro o livro de cabeça para baixo. E me faço perguntas sem lógicas e respostas prontas. Os escritores nunca gostaram do que nós, mulheres, escrevêssemos. Me pergunto às vezes por que continuamos a escrever? Por que tem que ter um porquê? Por que se repensarmos nossa condição feminina de amar, nossa forma de viver em um mundo completamente adoecido pela violência do machismo, como não observar o amor submerso na prisão do domínio e da posse?

A relação objeto preserva tudo em nome da mulher objetificada. Por que amamos bem a quem nos ama mal? E por que amamos mal a quem ama bem? Por que o descompasso amoroso é uma matemática muitas vezes equivocada? Quem sairá perdendo na hora do divórcio? Por que desprezamos tanto quem melhor nos quis? Somos inconscientemente "Mulheres que correm com os lobos". Como dizer aos nossos afetos generosos que fiquem mais perto; que tenham paciência com nossos abismos? Como amar em desequilíbrio? Mulheres sábias equilibram-se no caos. O que iremos amar pela frente, jamais saberemos, mas o que não gostaremos de nos deparar na forma sádica de amar do outro, devemos saber disso urgentemente.

Ame a sua própria solidão é um experimento sagrado, um autoconhecimento. Quando teremos realmente conseguido amar verdadeiramente nossas perguntas? Em meio a "desaprendizagem" de aprender a amar, resta-nos a liberdade de ser. Os budistas nos aconselham a buscar o neutro. De quando em quando, ficar sozinha é primordial para mudar a pele do sentimento, sair do rito do lugar comum. O amar excessivamente cansa, pode inclusive subtrair uma pessoa. Não me lembro mais qual foi o começo de nosso namoro, assim indaga o ser enamorado. Nunca começamos tautologicamente pelo início. Estamos amorosamente no centro, no caminho do meio, no devir. Tudo já era

amor antes mesmo de conhecer que era "amozade". O amor, muitas vezes, sobrevive de migalhas, que são nossa própria carência de afeto. Há que se observar as carências de perto. Qual o tamanho de nossa fome de afeto? Para as nossas necessidades, não há lei, principalmente, uma necessidade que se renova continuamente. O amor está sempre aqui perto. Por um instante do encanto, algo se constrói, vem sem avisar e nos faz nomear os sentidos da paixão, aquela que tem que ser vivida até a última gota serena, mas que diante do desconhecido em nós e nos outros, amedronta-nos com seus imensos fantasmas a perambular a casa do amor. Afinal, tanta incompletude tem-se a

oferecer ao amor. Nem o sistema capitalista deixou o amor de fora das macroestruturas. O amor foi devorado pelo mundo das relações de trabalho e de consumo. As possibilidades de encontrarmos alguém na festa não são as mesmas de encontrarmos alguém na biblioteca. Amor é tempo de doar a própria solidão que se instala como terceira pessoa entre o ser que ama e o ser amado. "Tão longo o amor/ tão breve a vida". O amor é uma espécie de subjétil que se encontra naquelas horas vagas onde duas solidões se encantam. Todos as noites, quando acordo, vou correndo tirar a roupa da palavra amor. Agora, quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de encantador e sensível em um completamente insensível e desencantado.

No muro dos refugiados, o mundo inteiro se despedaça em uma espécie de quarta grande guerra mundial; do outro lado do planeta Terra, dois namorados fitam os olhos em direção a um resto de lua que acaba de cair no oceano pacífico.



1850

Please Anne
750

South
Clarksville
Va.

Madison

Allen & Son
110
111
112

CHARLES
BUKOWSKI

Cartas
na rua

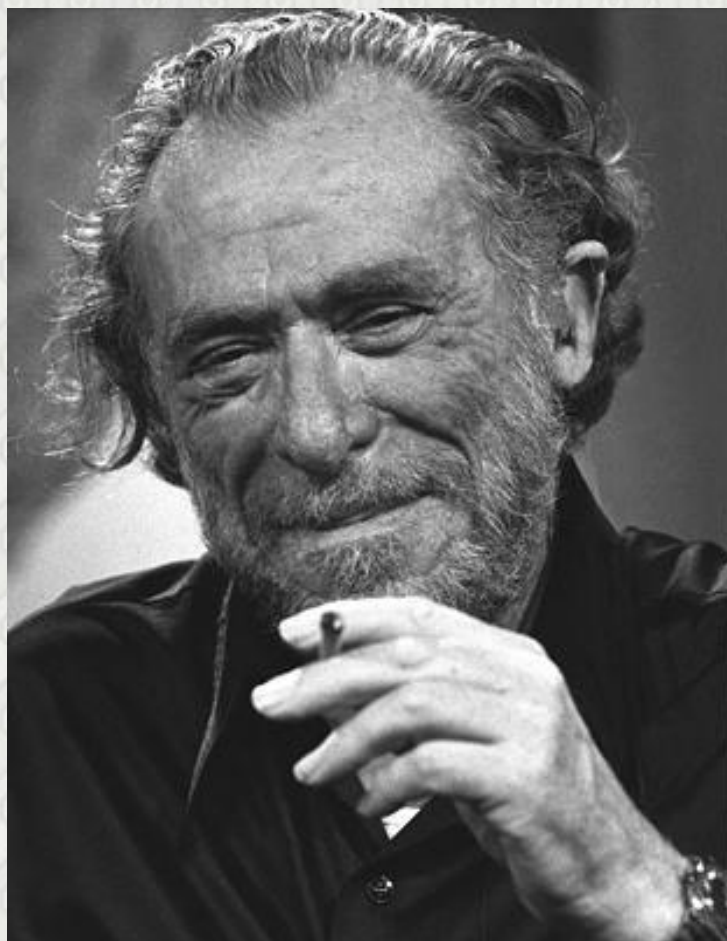
TEGURD
LOND
8-251102
A

LPM POCKET

THESE WORDS I WRITE
KEEP ME FROM
TOTAL MADNESS.

Charles Bukowski.





GARTAS NA RUA

(1971)

 /Literatura

Charles Bukowski nasceu na Alemanha e mudou-se ainda na infância para os EUA. O escritor não concluiu o curso de jornalismo, teve problemas com alcoolismo e trabalhou em empregos temporários como **CARTEIRO**, frentista e motorista de caminhão. Começou a escrever poesias aos 15 anos, publicando vinte anos depois, por volta de 1955.



PAUL CELAN
RENÉ CHAR

Correspondance

1954-1968

suivie de la

Correspondance

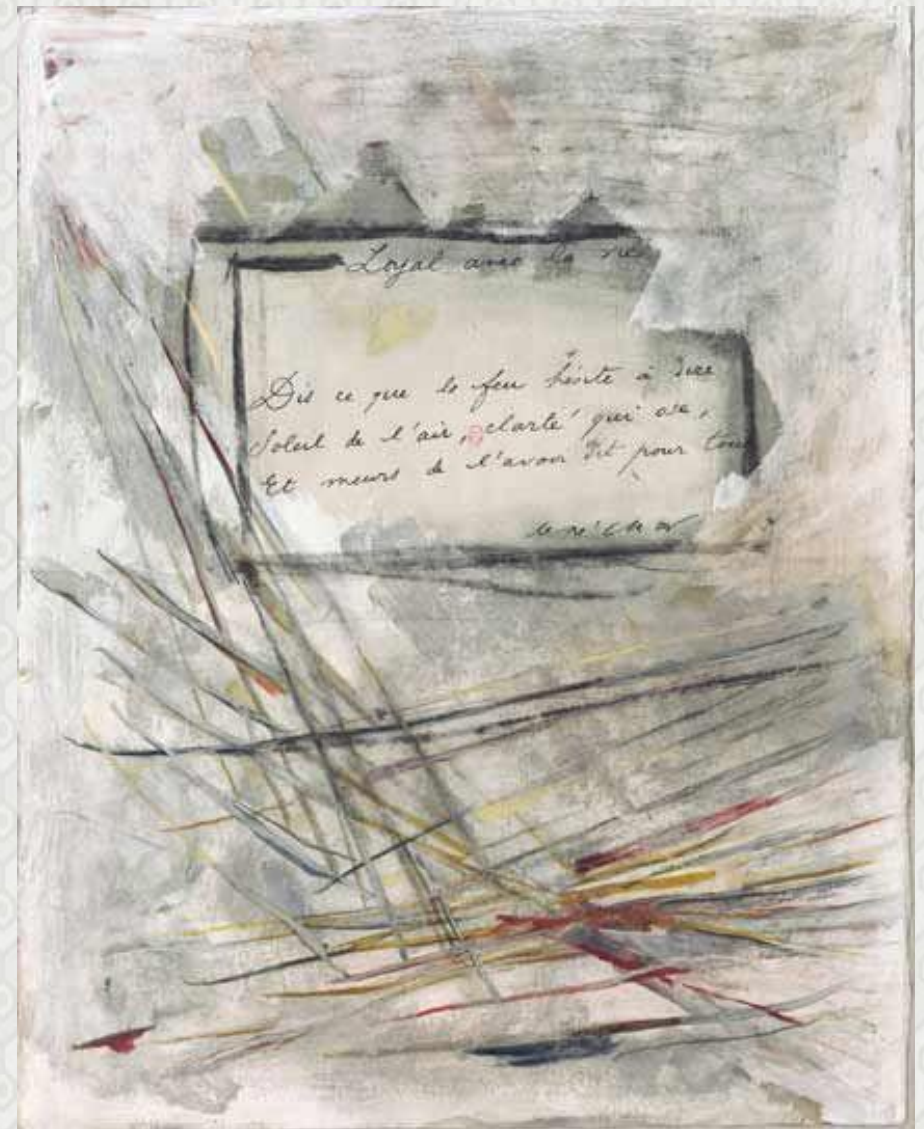
René Char – Gisèle Celan-Lestrange

(1969-1977)

ÉDITION ÉTABLIE,
PRÉSENTÉE ET ANNOTÉE
PAR BERTRAND BADIOU

nrf

GALLIMARD







Jette-Bruxelles le 10 août 50
135 rue Essequhem

Cher Monsieur Tracy,

Je reçois vos "derniers coups" au moment où j'arrive à me déintoxiquer des échecs - de toute manière, il faudrait raisonnablement, je crois, que j'abandonne les deux parties, où vous avez été si méprisamment que ma défaite n'est qu'une question de temps - Orme "j'abandonne" - j'espère qu'un jour nous aurons peut-être l'occasion de jouer ensemble sans l'interminable recours à la correspondance -

Je serais très heureux si vous pourriez m'envoyer un nouveau livre de vous, vous êtes un des rares écrivains vivants que je sois lire.

Je cherche un titre pour un nouveau tableau, ne vous amuserait-il pas de m'en proposer un ?

Voilà un croquis de ce tableau :

Bien cordialement à vous,
Magritte



Le coloris générale est celle d'une clairière.

Cher ami
 Les - Sent et nous, nous sommes
 dans nos vies justes vers le h 30-
 le h 15- (Si sans à coup sûr pas de
 doute on's déploré) -

J'ai un regard au livre prêt par
 le journal "le jour", par l'intermédiaire
 d'un. C'est - en dire du monde
 achillé, par Guinée - Il y a des
 idées intéressantes dans ce livre. Elle
 te, mais autres : C'est un ouvrage de
 Océane au "jour", on a été dans
 un beau déséquilibre que le monde connaît.
 (Ses "jour", se réciprocité, par exemple, se sent
 de l'absence de type d'un monde de plus en
 plus grand de spiritualité).

Qu'on dit pour certains qui dans des
 livres très beaux (anti-bourgeois), les
 commissions de la vérité était présentée et

que ce qui est au cœur de l'œuvre dans la
 Tradition - (non pas l'œuvre "d'homme",
 telle que l'œuvre "d'homme"). C'est évidemment
 comme cela, mais cela flatte nos instincts
 d'oppression, qui attendent de se voir combats que
 du "tout" - cette oppression me me semble
 pas même d'être de l'oppression, malgré un certain
 passage.

Et j'ai un dégoûtement de tout ces livres :



à l'endroit où, et bien à vous.
 René Magritte

Cher ami

Cher ami

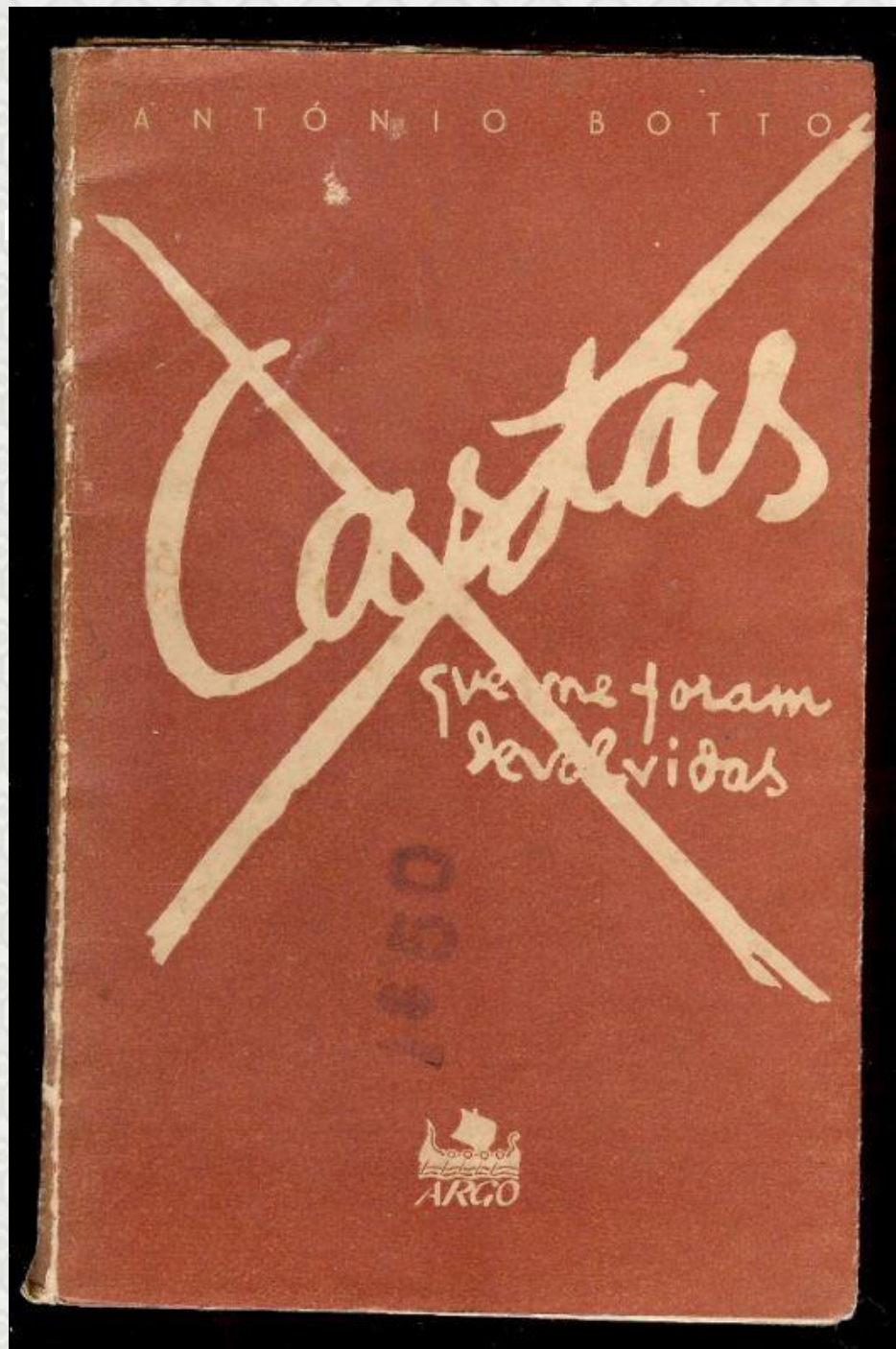
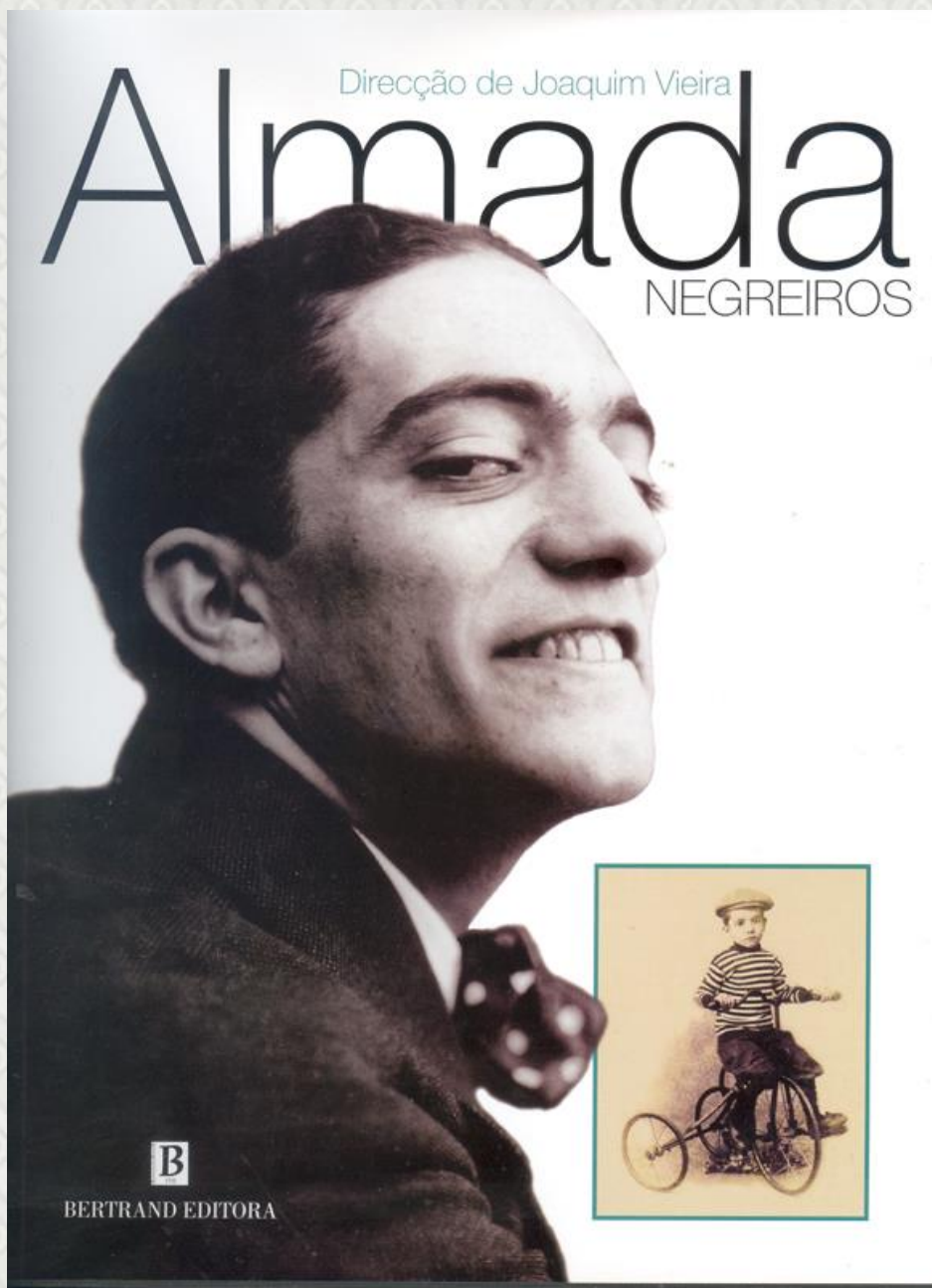
Je ne suis pas sûr que Magritte est le seul homme de lettres
 qui ait écrit - j'en suis sûr y voyez dans son livre - mais
 cela est vrai - mais en fait tout ce monde est possible -
 car ce monde dans ce monde est toujours plus simple que
 on voit du fait d'être de l'œuvre, surtout dans le monde où
 le monde, il y a une règle de l'œuvre, et de l'œuvre de l'œuvre est
 toujours possible, il y a une règle de l'œuvre, qui est le monde.
 Mais ce monde, même que "l'œuvre", on ne peut pas le dire
 dans son monde de l'œuvre, par le monde de l'œuvre
 de l'œuvre, surtout dans "l'œuvre" - l'œuvre - J'ai
 écrit pour Magritte, mais même l'œuvre qui est

J'ai écrit pour Magritte, mais même l'œuvre qui est
 elle - l'œuvre de l'œuvre, par
 "elle", et l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre
 de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par



J'ai écrit pour Magritte, mais même l'œuvre qui est
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par
 l'œuvre de l'œuvre, par l'œuvre de l'œuvre, par

Carta de René Magritte a Dali



1959-1978

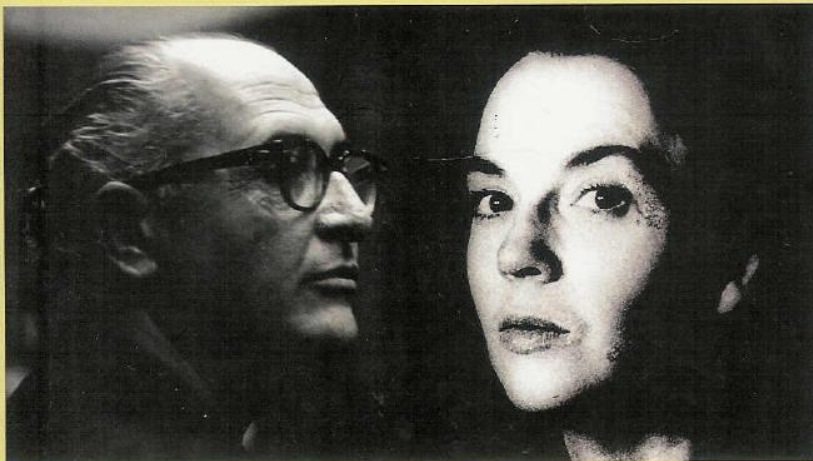
CORRESPONDÊNCIA

SOPHIA

de Mello Breyner

ESENA

Jorge de



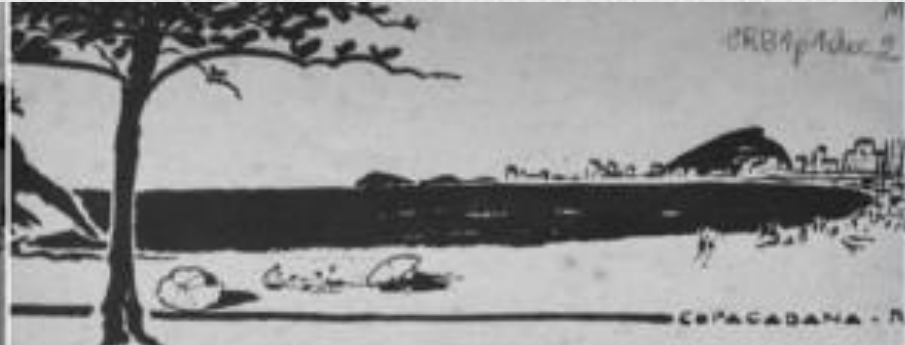
Palma
para a Sofia Andresee

Não sei porque floriram no meu rosto
os olhos e os vestos que há em ti.
Floriram por acaso, ao sol de agosto,
sem mesmo haveres agido ou sol em mim.
Não sei porque floriram: se o bivalho as queima...
(Ponho as mãos nos olhos para os proteger!)Tão estranho!: florirem no meu rosto
olhos e vestos que não posso ver!

Eugenio de Andrade
Febr 46



CRBA p. 100-2



Rio, 30-X-26

Gilberto,

Joando todo fui de aus gante
unus centenas de mil reis con
um desconto de "Stano's greeting"
fui enviado ao dezia. os amo-
ricanos das Superias Electricas.
Este e um 000 por cloz faz
46 ano. can qto bonito?

Receber minha carta anterior.
Nem se mandei dizer pra
vime. Blank etora monta a
compra e trabalhos de traducaes



Manuel Bandeira à Anita Malfatti



Carta-Poema

Manuel Bandeira

Excelentíssimo Prefeito
Senhor Hildebrando de Góis,
Permiti que, rendido o preito
A que fazeis jus por quem
sois,

Um poeta já sexagenário,
Que não tem outra aspiração
Senão viver de seu salário
Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita
A este pátio para onde dá
O apartamento que ele habita

No Castelo há dois anos já.

É um pátio, mas é via pública,
E estando ainda por calçar,
Faz a vergonha da República
Junto à Avenida Beira-Mar!

Indiferentes ao capricho
Das posturas municipais,
A ele jogam todo o seu lixo
Os moradores sem quintais.

Que imundície! Tripas de
peixe,
Casca de fruta e ovo,
papéis...
Não é natural que me queixe?

Meu Prefeito, vinde e vereis!

Quando chove, o chão vira
lama:
São atoleiros, lodaçais,
Que disputam a palma à fama
Das velhas maremas letais!

A um distinto amigo europeu
Disse eu: — Não é no Paraguai
Que fica o Grande Chaco, este
é o
Grande Chaco! Senão, olhai!

Excelentíssimo Prefeito
Hildebrando Araújo de Góis
A quem humilde rendo preito,

Por serdes vós, senhor, quem
sois!

Mandai calçar a via pública
Que, sendo um vasto lagamar,
Faz a vergonha da República
Junto à Avenida Beira-Mar!

*Poema extraído do livro
"Manuel Bandeira - Antologia
Poética", Editora Nova*

*Fronteira - Rio de Janeiro,
2001, pág. 221.*

MARIO DE ANDRADE

CARTAS

a



Mannel Bandeira

Rio de Janeiro

SIMÕES

A verdade tem uma aparência de mentirosa

Por Cecília Meireles

Não quero que fiquem tristes com esta carta. Que adiantam, essas considerações? Eu, por mim, aceito tudo. Mas dêi-me o mal que o Fernando se fez. Às vezes, eu não acredito. Parece-me que estamos apenas à distância. Que ele chegará, logo mais. Mas eu o vi. E revolta-me estar viva, tendo-o visto assim. Ah! decididamente, não se morre de dor! Tive de vir para longe, com as

crianças — pobrezinhas! Tomei um apartamento na praia, em Copacabana, onde se pode descansar um pouco entre a montanha e o mar. Estou sozinha com as pequenas, e uma amiga que me acompanhou em tudo isto. Mas sinto que necessito ficar ainda mais só. A solidão tem sobre mim um grande poder. Purifica-me. Exalta-me, interiormente.

(...) Estou com vontade de escrever agora um livrinho sobre a viagem'-'1. Talvez com um nome assim 'Lembrança A Raquel diz que gostava daquele "ar não se importa" do Fernando... Eu gostava do seu

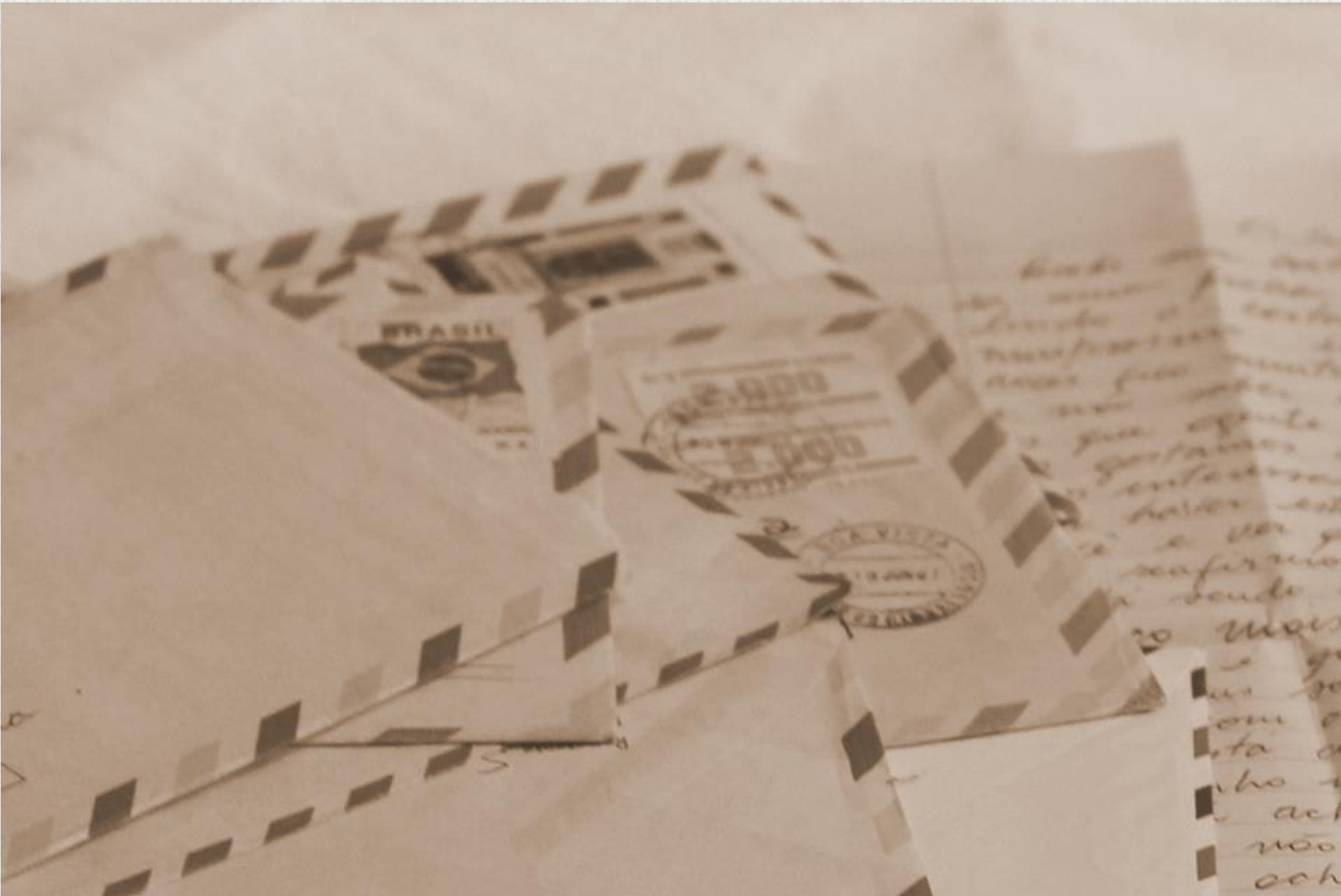
desinteresse por certas coisas; mas foi o "ar não se importa" que o matou. Ele viu a vida com uma simplicidade que ela não tem. Passou de leve pelos amigos, sem se dar conta. Dedicou-se aos que nunca o entenderam nem amaram, — apenas o aproveitaram. Por estes sacrificou muito. E nenhum deles agora me apareceu. Andou sempre um pouco longe da verdade -- porque a verdade tem uma aparência mentirosa, também. Teve tudo nas mãos. E não soube fazer nada com o que tinha. Eu queria que ele ressuscitasse, para me explicar porque fez isto. Porque eu o amei sobre todas as coisas, e não o entendi completamente, nem servi de nada.

no único instante em que vale a pena servir a alguém.

Peço a V. V. todos que me desculpem esta carta imensa e triste... É como se estivesse conversando com v. v. todos, aqui perto. Escrevam-me quando puderem. Sobra outras coisas. Como antigamente. Façamos de conta que a vida é a mesma. Nem creio que venha a mudar. (...) Depois escreverei com mais vagar. Saudades a todos. Com a maior amizade,



Série Fotográfica
Leila Aquino - Salvador BA



BRASIL



2.000
5.000

VILA RICA
18 JUNI
MINAS GERAIS

Handwritten text in cursive script, including words like "Minas", "Vila Rica", and "18 Jun".







CARTA & CANÇÃO AMIZADE

Tânia Lima

Sempre soube que um bom amigo é para o resto da vida. Às vezes basta um perfume, uma música, um livro, um lugar, um gesto apenas para nos recordar a presença desse nosso anjo da guarda [concreto], o AMIGO.

Quem nunca teve um amigo, um amigo irmão, desses que estão com a gente desde o princípio da primavera até o final da nossa estação? Quem nunca teve amigo amante, desses que a gente vê pouco e ama sempre. Quem nunca teve amigo distante, de notícias longínquas em caixa-postal, e-mail, orkut etc e tal. Quem nunca teve um amigo do peito, desses que a gente guarda como travesseiro e que nos conhece até o dedão do pé. Quem nunca teve amigos exagerados, que fazem uma feita e conta ter feito mil só para se mostrarem interessantes perante nosso afeto? Quem nunca teve um amigo da onça, que nos faz passar vexame, dá calote em nosso nome, nos leva à falência, mesmo assim a gente nunca esquece, fica carimbado como cheque sem fundo no inconsciente. Quem nunca teve um amigo de aventura errante, que só acertam à porta de nossa casa para chorar as dores, o cotovelo.

Quem nunca teve amigo confidente que guarda nosso segredo e não abre nem pro trem. Quem nunca teve um amigo vizinho, do tipo

que nos empresta a sala, os discos, os livros, o filme, o açúcar, o cafezinho e o afeto doce-predileto. Quem nunca foi funcionário da amizade, bateu ponto em conselhos, fez horas extras de escuta e até representou Freud, Lacan, Jung? Quem nunca bateu com um sorriso de amigo no meio do trânsito – é aquela gritaria infernal – ninguém se entende. Hi! Hi! Hi! Há! Há! Há! Um abraço e nunca mais. Quem nunca ficou plantado frente à tv assistindo estórias de Tom e Jerry, Fred e Barney, Batman e Robim, Gordo e Magro. Ser amigo a valer não é fácil. Conservar uma boa amizade, então? Há amigos que ficam na construção diária. Rubem Braga pedia que, a cada final de ano, passássemos a limpo nossa caderneta de endereços. A cada ano há pessoas que entram e saem de nosso círculo de amizade. Outros se tornam colegas que os acontecimentos levam para o tempo. Esses passam como tudo na vida. Também passarinho para uns aqui; para outros acolá. Não acertamos sempre na amizade. O humano acampa *‘ser e tempo’*.

Há cuidados e descuidos que levamos a enfrentar a vida. Amigo é presente doado de generosidade. Não se compra. Não se camufla. Se se falsifica, o nome é outra coisa diferente. Na hora H, na hora da bomba explodir, BUMM!! Pronto explodiu! Mas lá está ele, o amigo fiel feito um cão, um gato, a proteger, a socorrer o protegido, das garras do leão. Pronto engoliu o leão e salvou o amigão!

Há muitos tipos de amigos, há uma diversidade de amizades que não cabem em conceitos. Alguns bichinhos são amigos leais. Guimarães Rosa acreditava no fascínio da amizade e mistérios que os gatos continham. Hilda Hilst tinha uma predileção por cachorros. Clarice Lispector uma vez ao ser indagada sobre o que era morte, respondeu: “-

Meu cachorrinho Ulisses a me procurar pela casa inteira e não me encontrando”. Quem não lembra da cachorrinha Baleia do mestre Graciliano. Na ficção machadiana, o cão é amigo crucial nas cenas de *Quincas Borba*. Em sintonia com a geração do pós-guerra, a escritora Lygia Fagundes Telles fez uma historinha curiosa envolvendo a amizade de um cachorro e um combatente. Assim como um filme de segunda guerra, o conto lygiano traz um final infeliz para desagrado do leitor amigo.

Se a modernidade é ou não inviável para a amizade, não temos certeza; há um niilismo profundo que perpassa a ótica de valores. “É arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber, reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir espaço”, observa Ítalo Calvino em *As cidades Invisíveis*.

Uma boa dose de cuidado mútuo comunga a proteção do gesto. A manutenção de uma amizade faz crescer o afeto favorito: o “Invisível aos olhos”. O repartir o pão sem nada em troca. Ser COM, lembrava em palestra Leonardo Boff. Uma empatia disponível para ver o outro crescer junto. No budismo, não há amigos nem inimigos. O que há é um sentimento em construção. A ação que se manifesta com compaixão pelo outro. Mas entre o falar e o fazer, o homem se distancia não apenas do caráter de uma amizade, mas de si mesmo. Não há regras para ter ou mesmo para ser amigo. Ser bom e justo sem medo do ridículo. A amizade de Drummond e Adélia Prado rendeu em livro: *Bagagem*, editado em 1976, quando a autora mineira respondia as cartas elogiosas do autor de ‘José’.

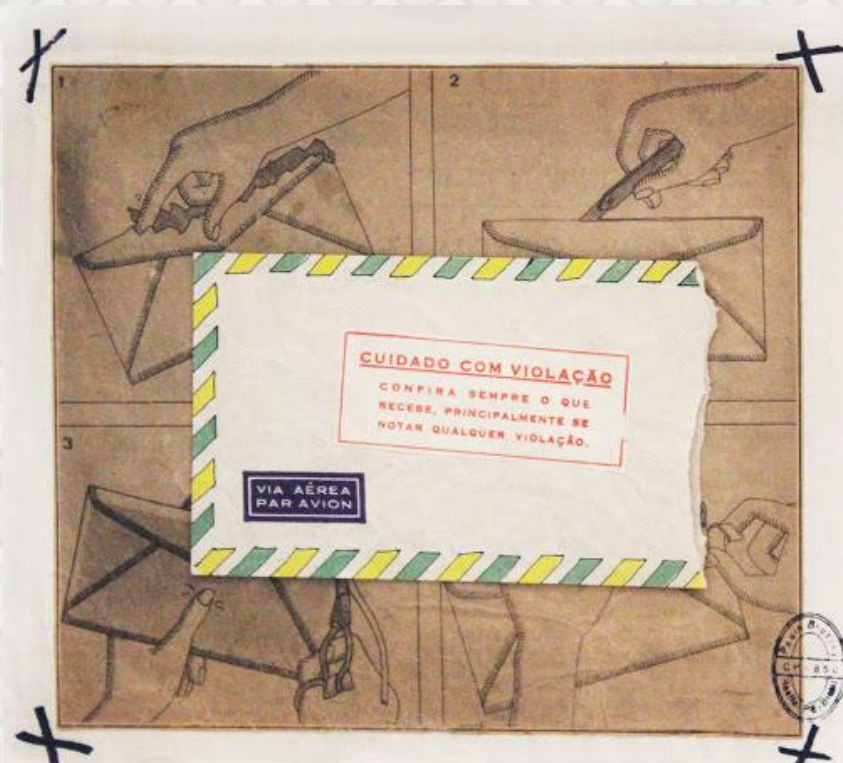
Tudo que no outro toca de calor humano tem alma, tem ser. As almas se comunicam antes de se conhecerem. Amizade fraterna entre irmãos, pai mãe, às vezes, não precisa da fala. Alguns sentimentos entre familiares são incomunicáveis. Há silêncios que exigem um aprendizado de desaprender. Saber ouvir-se a si mesmo. Vi silêncios brancos que são grandiosos. Alguns estão “caminhados para o nada”, como suscita o poeta Manoel de Barros.

É saudável agradecer o amigo. É único. São seres apaixonantes que lhe devemos não apenas um gesto, um favor, uma gratidão, mas a própria vida. Para Mário Quintana que, inventou a amizade de um peixinho com um pescador: “uma amizade sabe-se ouvir a distâncias”. Quintana também fez vários versos tendo como enfoque a cadelinha Lili.

Que nunca repetiu aquelas frases surradas pelo vento: “Calma”, “tudo vai dar certo”, “a vida continua”, “pra tudo há saídas”, nada como um dia atrás do outro”, você vai ver, meu amigo”. Quem não ouviu falar das histórias de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança. Como não lembrar da amizade de Jorge Amado e o pintor Caribé. Quantas amizades saudáveis carregam uma trilha sonora que graceja o pulsar de nossas vidas. Quem não assistiu ao filme Carlitos e seus amigos sem deixar escorrer uma lágrima, um aperto: -“Há Hannah, está me ouvindo? Onde te encontres, levante os olhos...!”



paulo-bruscky



PAULO BAUSCH
CP 850
RECIFE-PE
50050-080

IDÉIAS VOANDO LIVRO
COMO O PAISSANO.

Paulo

VIA AÉREA



PROF. PAISSANO PAET
ALEXANDRE BOUVIATOS
AV. TURADETTES, 199 APT.
308

GUARULHOS - SP
07090-000

revista
mangues
& letras

